



Universidade de Brasília

Faculdade de Comunicação

Departamento de Jornalismo

Orientadora: Prof. Dra. Maria Letícia Renault. C. de Abreu e Souza

**Estudo de caso: a apresentação do telejornal local *SBT Brasília* pela jornalista Neila Medeiros pode ser considerada ancoragem?**

**Lucas Alves Raimundo**

Brasília – DF, Junho/2014



Universidade de Brasília

Faculdade de Comunicação

Departamento de Jornalismo

Orientadora: Prof. Dra. Maria Letícia Renault. C. de Abreu e Souza

**Estudo de caso: a apresentação do telejornal local *SBT Brasília* pela jornalista Neila Medeiros pode ser considerada ancoragem?**

**Lucas Alves Raimundo**

Monografia apresentada ao Curso de Comunicação da Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo sob orientação da Profa. Dra. Maria Leticia Renault de Abreu e Souza.

Brasília – DF, Junho/2014



Universidade de Brasília  
Faculdade de Comunicação  
Trabalho de Conclusão de Curso

Membros da Banca Examinadora

---

Prof. Dra. Maria Letícia Renault. C. de Abreu e Souza (Orientadora)

---

Professor Mestre Carlos Henrique Novis

---

Professora Dra. Ellis Regina Araújo da Silva

---

Suplente: Professor Dr. Fernando Oliveira Paulino

Brasília – DF, Junho/2014

Dedico este trabalho à minha família, que sempre me proporcionou liberdade, desde que consciente. Não estar pressionado a escolher uma profissão específica faz diferença na vida dos jovens que saem do Ensino Médio. Nada se iguala a fazer o que se gosta.

## **Agradecimentos**

Neste momento tão marcante agradeço primeiramente a Deus, que me acompanha a cada dia e, desta forma, também esteve presente em meu cotidiano na universidade. Ele me manteve próximo aos caminhos que só me possibilitariam aprendizado e crescimento pessoal e profissional.

Agradeço à minha família, que me criou para ter força de ir atrás dos meus sonhos, mesmo que talvez eles sejam cheios de imaginação. Que me deram uma base sem igual em confiança, humildade, retidão e honestidade. Valores que levo para a profissão que começa oficialmente agora. É com eles que guardo a certeza de ter um apoio assim que necessário for.

Agradeço ao SBT em Brasília, na pessoa de Rose Nascimento e dos demais colegas, que além de me possibilitar um ambiente rico em aprendizado em tempos de estágio, colaborou para este trabalho com entrevistas, arquivos, explicações e dicas. Minha gratidão também à jornalista Neila Medeiros, objeto deste estudo, que esteve sempre disposta a ajudar no andamento das pesquisas.

Deixo meus agradecimentos também à Faculdade de Comunicação, que me proporcionou boas recordações e vivências. Na FAC me envolvi em projetos, integrei a empresa júnior Pupila, fiquei durante dias e dias de 8h às 18h. Não tem como esquecer. Ficam os agradecimentos ao pessoal da Secretaria, como o Rogério e a Christiane, e a todos os professores, dos quais cito especialmente a Dione Moura e o Carlos Henrique Novis, ou Caíque, além da orientadora Letícia Renault e dos demais membros da banca examinadora nesta etapa final.

Agradeço aos amigos que estiveram próximos por todos os anos que passei na faculdade, que estiveram nos projetos em que me envolvi e aos que, principalmente, fazem parte da minha vida nessa conclusão da faculdade, tempo de incertezas. Um abraço especial ao amigo Pedro Paulo, que acompanhou grande parte do meu processo de formação na comunicação e ainda ajudou bastante no trânsito das versões e versões deste Trabalho de Conclusão de Curso.

## Lista de figuras

Figura 1. Registro do início da TV Tupi relacionado ao <i>Imagens do Dia</i> .....	23
Figura 2. Gontijo Teodoro na apresentação do Repórter Esso.....	24
Figura 3. Boris Casoy na bancada do TJ Brasil.....	26
Figura 4. Jornalista Neila Medeiros indignada com servidor público.....	41
Figura 5. A jornalista fala do esforço de reportagem da equipe.....	42
Figura 6. Jornalista Neila Medeiros fala das más condições do transporte público.....	53
Figura 7. A jornalista diz que a educação é um problema nacional.....	55
Figura 8. Palavras de detento deixam a jornalista indignada.....	56

## Resumo

Este trabalho analisa um determinado período do tempo em que a jornalista Neila Medeiros esteve à frente do telejornal local *SBT Brasília*. Procurou-se aqui observar, a partir do pensamento de alguns estudiosos da área do jornalismo em televisão no Brasil, se a jornalista pode ser considerada apresentadora ou âncora do noticiário exibido na hora do almoço. Na primeira parte do trabalho, é apresentado o conceito de ancoragem, as características do telejornalismo e uma breve história do telejornalismo brasileiro. Em seguida, trata-se do jornalismo produzido no Sistema Brasileiro de Televisão - SBT nas esferas nacional e local na capital do país. O percurso teórico-metodológico se ocupa ainda de apresentar a formação profissional da jornalista Neila Medeiros. Vem então a fase do estudo em que se analisa o *corpus* obtido, que foram 4 edições do telejornal cedidas na íntegra pela emissora e trechos encontrados no *Youtube*. A partir de quatro critérios, que se destacaram com a observação da literatura consultada, foi possível avaliar o desempenho da jornalista e chegar a conclusões sobre ela ser ou não uma âncora em telejornalismo local produzido na capital do país.

**Palavras-chave:** telejornalismo, apresentadora, âncora, SBT Brasília, Neila Medeiros

## **Abstract**

This paper analyzes a certain period of time in which the journalist Neila Medeiros was ahead of the local newscast *SBT Brasília*. We sought to observe here, from thoughts of scholars of journalism in television, she was a presenter or anchor the news at lunchtime. First presented in this study is the concept of anchoring, the characteristic of TV journalism and briefly to the history of Brazilian television news. After journalism is commented on SBT in general, nationally, closing in sequence to the reality of the country's capital. Giving up sequence, it is the training of journalist Neila Medeiros. Then the phase of the study which analyzes the corpus obtained, which were editions of the newscast transferred in full and excerpts viewed on *Youtube* arises. From four criteria, which stood out with the observation of the literature, it was possible to evaluate the performance of journalist and reach conclusions about her being or not a television news anchor.

**Key-words:** TV journalism, presenter, anchor, SBT Brasília, Neila Medeiros

## Sumário

1. Introdução.....	11
1.1. Contextualização do tema.....	11
1.2. Problema de pesquisa.....	13
1.3. Justificativa.....	13
1.4. Objetivos específicos.....	15
2. Fundamentação teórico-metodológica.....	16
2.1. Ancoragem: um conceito.....	16
2.2. Características do telejornalismo.....	18
2.3. A apresentação no telejornalismo brasileiro.....	20
3. Jornalismo no SBT.....	24
3.1. SBT Brasília: um canal local de televisão.....	25
3.1.1 Telejornalismo no SBT Brasília .....	25
4. O objeto de estudo.....	27
4.1. SBT Brasília: um telejornal local.....	27
4.2. A jornalista Neila Medeiros .....	31
5. Metodologia .....	34
6. <i>Corpus</i> .....	36
6.1. O trecho que mais repercutiu: janeiro de 2012.....	36
6.2. Primeira edição cedida: janeiro de 2012.....	38
6.3. Segunda edição cedida: janeiro de 2012.....	40
6.4. Terceira edição cedida: agosto de 2012.....	42
6.5. Quarta edição cedida: novembro de 2012.....	44
6.6. Trechos do <i>SBT Brasília</i> encontrados na <i>Internet</i> .....	46
7. Análise.....	50
7.1. Responsabilidade Editorial.....	50
7.2. Performance do âncora.....	51
7.3. A experiência na reportagem.....	53
7.4. Ser "a cara da emissora" .....	54

<b>8. Conclusão.....</b>	<b>56</b>
<b>9. Referências bibliográficas.....</b>	<b>59</b>
<b>10. Anexos.....</b>	<b>63</b>

## 1. Introdução

Este estudo teve como objetivo analisar a forma de apresentação em telejornal utilizada pela jornalista Neila Medeiros durante o tempo em que esteve à frente do *SBT Brasília*, de maio de 2009 a agosto de 2013. A maneira de conduzir tal noticiário pode ser caracterizada como ancoragem em telejornalismo? Na primeira parte da pesquisa são expostas informações sobre o jornalismo local, em contraste com a nacional. Fala-se também nesta etapa sobre o jornalismo no Sistema Brasileiro de Televisão - SBT hoje, quais são as atrações que o compõem.

Na segunda parte, são tratados conceitos de apresentação e ancoragem. Fala-se ainda da história do telejornalismo no país e de sua estrutura, suas particularidades, especificamente do SBT. Na terceira parte do estudo fala-se do SBT em Brasília. Quais as contribuições da emissora de Silvio Santos no noticiário do Distrito Federal?

A quarta parte desta pesquisa trata da jornalista Neila Medeiros. Quem é ela? O que diferencia seu trabalho? E como funciona o *SBT Brasília*? Quais as permissões dentro da equipe de produção local que ela possuía para agir dentro das edições do telejornal? Em seguida explica-se a metodologia utilizada, baseada em arquivos, entrevistas e referências bibliográficas.

Na sexta parte o trabalho analisa o *corpus* obtido pela pesquisa. Foram quatro edições do telejornal exibido na hora do almoço cedidas na íntegra, todas de 2012, e mais alguns trechos do *SBT Brasília* disponibilizados na *Internet*.

### 1.1. Contextualização do tema

O desenvolvimento das comunicações no Brasil centralizou a produção de informação jornalística nos grandes centros urbanos. Porém, a televisão reserva certo espaço para produzir atrações locais. Cicilia Krohling Peruzzo (2005) diz que, a partir dos anos 1990, o interesse da mídia pelo local, inicialmente, virou-se para o lado mercadológico e não para a importância do conteúdo regionalizado. “A televisão, por exemplo, explora a diferenciação local como nicho de mercado”, afirmou ela, acrescentando que a TV está interessada em captar os recursos provenientes da

publicidade também no interior do país (PERUZZO: 2005, p. 7).

A veiculação de conteúdos locais, entre eles o telejornalismo, luta para ser forte no pouco tempo que lhe é disponibilizado na grade diária da televisão, formada em grande parte por atrações em rede. Em geral, quando uma emissora local consegue produzir um programa próprio, que leve em conta os interesses da população regional ou de uma comunidade, esse conteúdo é um telejornal ou um formato derivado do jornalismo em televisão.

Os principais interesses do jornalismo regional são elencados por Peruzzo (2005, p.12): dar conhecimento a assuntos de foco local ou regional, explorar o local como nicho de mercado, ter interesse em contribuir para a ampliação da cidadania e abrir espaço para a população.

Ao se observar a apresentação de um telejornal local, nota-se tentativas diferenciadas de cada emissora para se aproximar do telespectador. Os canais precisam lidar com a imagem que já possuem a nível nacional e ao mesmo tempo entender as peculiaridades do público local. O que funciona em um telejornal da mesma emissora aqui e ali podem ser estratégias bem diferentes. O jornalista é, então, um profissional que precisa ter a capacidade de se adaptar às realidades locais, de se reinventar assim que necessário. Se ele é o apresentador ou o âncora do telejornal local é o rosto dele que chega à casa das pessoas todos os dias, é com ele que elas precisam se habituar a dividir a hora do almoço, a hora do jantar. Elizabeth Bastos Duarte e Vanessa Curvello (2008) consideram que as emissoras investem em um apresentador por causa do tom de seriedade que ele pode transmitir no programa, o que seria contrário a expressões de personalidade e subjetividade que diferenciariam o apresentador de telejornal de outros profissionais, os quais nesse trabalho entende-se pela figura do âncora.

A grade de programação que o telespectador do Distrito Federal recebe do Sistema Brasileiro de Televisão (SBT) de segunda à sexta-feira é composta por seis telejornais: *Jornal do SBT Manhã 1ª Edição* (6h), *Jornal do SBT Manhã 2ª Edição* (7h), *SBT Brasília* (12h30), *Jornal do SBT Brasília* (19h20), *SBT Brasil* (19h45) e *Jornal do SBT Noite* (1h).

O *Jornal do SBT Manhã 1ª Edição* é apresentado pelos jornalistas Hermano Henning e Joyce Ribeiro. Logo em seguida começa o *Jornal do SBT Manhã 2ª Edição*, com César Filho. O *SBT Brasil* é o principal telejornal do SBT e em 2012 passou a focar grande parte da sua atenção nos crimes que ocorrem pelo Brasil. O *Jornal do SBT Noite*,

apresentado por Marcelo Torres e Karyn Bravo, é o noticiário da madrugada, não possuindo horário fixo para entrar no ar, já que depende do programa anterior na grade.

O *SBT Brasília* é o tema deste estudo. O noticiário estreou em 17 de novembro de 2008, com o nome de *Jornal do SBT Brasília 1ª Edição*, mas, com o tempo, o programa perdeu o nome de “jornal”. O *SBT Brasília* vai ao ar de 12h30 às 13h e até julho de 2013 foi apresentado pela jornalista Neila Medeiros. O período apresentado por ela é o objeto deste trabalho. A apresentação do telejornal local *SBT Brasília* pela jornalista Neila Medeiros pode ser considerada ancoragem? Busca-se aqui a resposta.

Em entrevista concedida para Diego Schueng, do site *TV News No Ar*, Neila Medeiros comentou que o programa se transformou ao longo do tempo: “ele deixou de ter uma bancada, deixou de ser formal, passou a ser um jornal mais descontraído, um jornal mais solto, um jornal de ancoragem, de opinião”<sup>1</sup>.

## 1.2. Problema de Pesquisa

Este trabalho teve como objetivo realizar um estudo de caso para tentar diferenciar apresentação e ancoragem de telejornal. Toma-se aqui para análise o trabalho da jornalista Neila Medeiros durante o tempo em que esteve à frente do *SBT Brasília*, entre maio de 2009 e agosto de 2013. Com aprofundamento no que dizem os autores que estudam o telejornalismo, a proposta foi observar se é possível ou não definir que Neila Medeiros foi âncora ou apresentadora do telejornal local.

## 1.3. Justificativa

Esta pesquisa passa a contribuir para um recorte histórico do telejornalismo da capital do país, do período em que Neila Medeiros conduziu um telejornal de opinião, que se transformou ao longo dos anos, ficando mais próximo do telespectador.

A ancoragem em telejornalismo foi o tema escolhido para este trabalho por conta de um interesse do pesquisador por um jornalismo que busca sair de um formato rígido e ir em busca de se aproximar do público, estando perto do que o telespectador quer ver na

---

<sup>1</sup>A entrevista da jornalista Neila Medeiros para o site *TV News no Ar* pode ser encontrada em <http://www.tvnewsnoar.com/2013/08/tv-news-entrevista-jornalista-neila.html> (acesso: 17 de outubro de 2013)

televisão, e de buscar entender a forma que ele deseja receber a notícia. O que se procura pesquisar e compreender é o limite entre o jornalismo por si só e a proximidade com a audiência, que não se interessa apenas por um entretenimento descompromissado. Instigava buscar o que havia de teoria e de limites dentro da área, o que separava um trabalho jornalístico de um produto “bagunçado”, em que a falta de noção já teria tomado conta e o jornalismo teria ficado distante. Era interessante descobrir se é possível existir um apresentador que consiga dar as notícias de uma forma mais “movimentada”, mais “próxima” do telespectador. O mesmo pensamento que se tem sobre o jornal impresso, de um meio arcaico e fadado a perder público, existe sobre o telejornal engessado. A saída então para o telejornal pode ser seguir pela linha da força que os âncoras venham a ter.

O âncora é o profissional que não apenas apresenta o telejornal. Ele comanda, tem consciência de cada etapa vencida para levar a atração ao ar. Na televisão brasileira, voltada ao entretenimento na maior parte da sua grade de programação, a figura do âncora foi deixada de lado em alguns momentos e alguns noticiários foram, simplesmente, apresentados.

Era uma vontade clara deste pesquisador trabalhar com o “mundo mágico” do SBT. Este pesquisador ainda não era estagiário da emissora em Brasília quando escolheu o trabalho da jornalista Neila Medeiros para ser tema de pesquisa, mas queria estudar, entender, analisar, algo que tratasse da TV de Silvio Santos. Um vídeo de janeiro de 2012 que foi muito comentado na *Internet* e exibia um trecho do *SBT Brasília* em que Neila Medeiros se mostra indignada na defesa da população e da imprensa, foi o pontapé inicial para a definição do tema. Tratava-se de uma atitude jornalística a ser registrada e analisada.

Com a possibilidade que a *Internet* proporciona atualmente de que tudo seja comentado, “curtido”, ramificado, há o interesse por conhecer mais dos profissionais do jornalismo. O que aquela profissional que está informando sabe, viveu ou compreende daquele tema, passa a ser parte do que atrai o telespectador. O público é capaz de formar a própria opinião, independente do que lhe é passado pelo âncora, mas é válido conhecer o outro ponto de vista. Ao se posicionar, o âncora tem a chance de levar maior clareza ao telespectador.

Pode ser válido acrescentar uma discussão: até que ponto ancorar um telejornal é

deixar de ser imparcial, como a profissão de jornalista exige? É errado você ser um âncora no significado mais estrito da palavra, pela questão da opinião, ou é possível encontrar um limite saudável e não chegar a ser parcial na ancoragem? A jornalista Neila Medeiros responde a esses questionamentos:

“O momento é outro. O jornalismo se transforma assim como a sociedade, os costumes e as exigências de mercado acompanham essas transformações. A sociedade não quer mais a imparcialidade hipócrita, aquela que impede uma reação natural do ser humano diante de uma barbárie. Eles querem perceber o apresentador que está com ele todos os dias com confiança e cumplicidade. Querem saber que ele não é inerte ao que anuncia. Não precisa nem ser uma super opinião, mas só mostrar que também sente já o transforma em um ser humano como todos. Deixou de ser aquele ser inacessível na televisão o qual seu público jamais teria chance de ver de perto. O público hoje quer ser íntimo do apresentador tanto quanto já é da notícia” (MEDEIROS: 2013, Anexo 4).

#### **1.4. Objetivos específicos**

Este estudo buscou diferenciar o papel de apresentador e de âncora, além de abrir um espaço de discussão para o telejornalismo regional.

O trabalho busca compreender o que é um âncora em telejornalismo e avaliar se esse entendimento se aplica ao trabalho da jornalista Neila Medeiros. O que a diferenciaria de uma simples apresentadora de telejornal? Pode-se considerar o trabalho da jornalista Neila Medeiros a frente do *SBT Brasília* como ancoragem?

## 2. Fundamentação teórico-metodológica

### 2.1. Ancoragem: um conceito

Célia Ladeira Mota (2009) define o âncora de telejornal como o profissional que se torna a imagem e a voz da emissora, ao citar Walter Cronkite, o homem que “se transformou em um modelo a ser seguido por apresentadores de telejornais, não só nos Estados Unidos como em outros países, incluindo o Brasil” (MOTA: 2009, p. 2). Mota detalha as funções de um âncora:

“No telejornalismo, os personagens da notícia são enunciadores responsáveis por suas falas, editadas como parte de um enunciado geral apresentado por um sujeito locutor, seja ele o repórter ou o apresentador do telejornal. Se no passado do telejornalismo, o apresentador era considerado um 'locutor', ou alguém que possuía uma boa voz, de preferência empastada, para ler notícias, sobre as quais não tinha responsabilidade, hoje, apresentadores são repórteres e considerados 'âncoras' porque conduzem o telejornal e se responsabilizam diretamente pelos enunciados apresentados. O âncora de telejornal cumpre, portanto, dois papéis: o de fonte do dizer e o de locutor-enquanto-pessoa” (MOTA: 2009, p. 5)

Mota explica que o âncora apresenta características gestuais, de entonação, de ênfase em torno de palavras-chaves do texto que estabelecem relação direta com o telespectador, que pode ser de empatia, de credibilidade ou até mesmo de descrença com o conteúdo da fala. A presença do âncora ao vivo, neste sentido, seria sempre performática, ao contrário de uma voz em *off*, que tenderia a ser mais neutra, menos marcante (MOTA: 2009, p. 5).

Um âncora de telejornal com boa capacidade persuasiva, para Mota (2009), pode obter de imediato a adesão da audiência a um fato narrado. “Uma regra geral adotada na televisão brasileira determinava que os âncoras não deviam emitir opinião e deviam evitar sinais” (MOTA: 2009, p.6), diz Mota. A pesquisadora considera que essa regra caiu em desuso e que comunicadores da Rede Record e do SBT, com posturas menos rígidas, levaram os jornalistas da Rede Globo a buscarem uma “maneira mais informal” no vídeo (MOTA: 2009, p.6). Ela sustenta que o número de adjetivos que são colocados nos comentários sobre uma reportagem, seja em que quantidade e em que emissora for, têm um alvo: “conquistar a adesão do telespectador”.

“A idéia de ‘dizer é fazer’ joga o apresentador do telejornal diretamente no meio dos acontecimentos nos quais ele precisa se movimentar, se posicionar. É uma

performance que leva ao exame de outros elementos no ato de fala: estilo pessoal, gestos, posicionamento corporal, que dizem respeito ao *ethos* ou à personalidade do locutor. Dependendo do carisma do âncora-jornalista, estes elementos de personalidade contribuem para reforçar o efeito de verdade das informações que transmite”. (MOTA: 2009, p. 9)

Sebastião Squirra aponta, em 1995, que a adoção do modelo de apresentação de telejornais com o uso da figura do âncora havia trazido “a única mudança significativa na arte de difundir notícias no horário nobre da TV brasileira” e que essa “experiência ainda não foi testada na Globo”. Na época, o especialista afirmava que, “com certeza”, o jornalista Boris Casoy, do SBT, era o primeiro âncora da televisão no país e “tornou-se o *must* das referências e reconhecimento da importância desta inovação no Brasil” (SQUIRRA: 1995, p. 43).

“Trouxe aos lares um produto híbrido ao ancorar um telejornal: a emissão clara de opinião no ar. No programa Vitrine (da TV Cultura de S.Paulo), sobre o papel dos âncoras, uma mulher afirmou preferir o jornalismo opinativo pois 'ele retrata a opinião do próprio jornalista e não da emissora'. E outra arrematou: 'acho importante ele dar opinião, desde que fique claro que a opinião é dele. Ele não é Deus, assim não é o dono da verdade. Porque que é bom que se saiba que a opinião é dele? Oras, porque você questiona o que ele diz!’” (SQUIRRA: 1995, p. 43)

Squirra mostrava-se preocupado (SQUIRRA: 1995, p. 43) ao observar que “os jornalistas estão entendendo o âncora como aquela pessoa que unicamente centraliza a apresentação e faz comentários 'inteligentes' ou ainda pior, paternalistas”. Ele, então, procurava esclarecer: “isto é verdadeiro se for levado em consideração o surgimento do personagem no ano de 1948, durante a Convenção dos partidos políticos nos EUA” (SQUIRRA: 1995, p. 44). O autor conta que, de fato, a adoção do modelo foi se dar quatorze anos mais tarde, com a escolha de Walter Cronkite, jornalista que já era muito conhecido e respeitado pelos telespectadores. Para Squirra há um detalhe muito importante nesse contexto: Cronkite ter exigido ser o editor-chefe do noticiário.

“Não é necessário pontuar que o editor-chefe é o responsável máximo por tudo que diz respeito ao jornal que dirige, desde a escolha dos temas a serem veiculados, ângulos de abordagem, tamanho de tratamento, lugar na paginação do noticiário, pessoas que serão entrevistadas ou selecionadas, repórteres que serão escolhidos, contratados e valorizados, etc. O mesmo faz um âncora nos EUA e, até o presente, diz respeito somente ao espaço que Boris conquistou” (SQUIRRA: 1995, p. 44)

Ivonete Pinto (1997), em publicação que pretendia mostrar as similaridades entre o trabalho de um ator e a atuação dos repórteres e âncoras, já falava sobre uma notável

tendência para a opinião, na presença da figura do âncora. Ela entende a dramatização como um esforço para tornar algo mais atraente, mais interessante. A mesma autora diz que o âncora não apenas precisa ser inteligente, mas também parecer inteligente (PINTO: 1997, p. 3)

Yvana Fechine (2008) consegue identificar a partir dos anos 90 do século passado uma tendência à personalização dos apresentadores, o que teria provocado uma mudança na própria retórica dos telejornais. Ela cita a credibilidade, algo influenciado “diretamente pela confiança que os espectadores depositam nos seus apresentadores” (FECHINE: 2008, p.1). Em um limite perigoso de continuar sendo referência de notícia ao público, Fechine considera que os apresentadores do telejornal constroem sua imagem numa constante tensão entre a propalada exigência de objetividade/ imparcialidade e a autopromoção/ glamourização inerentes à televisão (FECHINE: 2008, p.1).

Ela diferencia o âncora do simples apresentador ao dizer que é cada vez mais comum apontar comunicadores nos telejornais que esbravejam ou criticam pessoas ou grupos em busca de soluções para o povo, em nome da comunidade; além daqueles que gostam de brincar, de descontrair (FECHINE: 2008, p.1). Por outro lado, ela identifica outro estilo:

“Há telejornais em que o apresentador funciona basicamente como um 'operador de passagens' entre os vários atores da enunciação envolvidos. Nesse caso, mesmo dirigindo-se diretamente à audiência, ele não se apropria do discurso como sendo seu. Suas intervenções verbais são, geralmente, construídas em terceira pessoa e são poucas as circunstâncias nas quais se permite demonstrar uma valoração pessoal através de outros sistemas semióticos (tom da voz, expressão facial, gestos etc.)” (FECHINE: 2008, p. 3)

## **2.2. Características do telejornalismo**

O jornalismo surgiu na televisão produzindo informação que unia o texto à imagem. A informação televisiva busca representar o objeto com coerência. Assim, com algo verossímil como a imagem, o espectador tem condições para compreender o fato e acreditar no que foi contado.

Bruno Souza Leal (2008) considera que ao expor a sala de redação, os microfones e a parafernália de gravação, a televisão possibilita a “construção da proximidade com o espectador e a própria ilusão referencial” (LEAL: 2008, p. 10). O aparelho é desmitificado, esclarecido, e torna-se familiar para quem está do outro lado da tela, o que colabora para

a narrativa do real ser autenticada.

Lavina Ribeiro e Letícia Renault (2010) consideram o telejornalismo como um gênero jornalístico com espaço demarcado na televisão. Segundo as autoras, o telejornal pode ser definido como “um conjunto de blocos de reportagens entremeados por blocos de anúncios comerciais” (RIBEIRO e RENAULT: 2010, p. 8). Ali é “um lugar onde ocorrem diariamente, em horário estabelecido, atos de enunciação a respeito de assuntos diversos, em um emaranhado de temas e vozes levados ao ar de forma selecionada e organizada pela televisão em um modelo industrial” (idens). Ao mostrar imagens dos fatos ocorridos em todo o mundo, o telejornal busca aproximar o telespectador da realidade. Trata-se de uma realidade mediada tecnicamente por câmeras, repórteres, âncoras, apresentadores e ilhas de edição.

O *lead* é o grupo de informações primordiais do fato em qualquer meio jornalístico, mas as possibilidades da televisão fazem com que possa ser alterado em alguns momentos. Ele, em alguns noticiários, pode dar lugar a uma abertura da matéria que vai se preocupar com o detalhe mais atraente da reportagem, mais sedutor ao telespectador para prender a audiência. O telespectador, então, aguarda até o final do programa para conferir a manchete, aquela notícia que, ao ser anunciada, deixou mais curiosidade, interesse, no ar.

Alfredo Vizeu e Jô Pazzarolo (1991, p. 5) constataram que “a notícia na televisão é construída para ser entendida na sua totalidade”, no momento em que é transmitida, já que não proporciona a possibilidade de retorno às informações, excluindo-se claro os atuais tempos de *Internet* e suas possibilidades. Mesmo assim, a missão continua. “A abertura da notícia (chamada de cabeça da matéria), lida pelo apresentador ou pelo âncora, tem a função de chamar a reportagem que foi elaborada em vídeo, o videotape (VT). A notícia, portanto, é a cabeça somada ao VT” (VIZEU e PAZZAROLO: 1991, p. 5).

Alfredo Vizeu (2000) comenta sobre o telejornal ser um produto organizado no tempo, o que torna difícil apresentar “as notícias *à la carte*” (VIZEU: 2000, p. 60). “As informações são selecionadas e organizadas de modo a serem vistas integralmente pelo espectador, sem diminuir o tamanho ou interesse da audiência à medida que o programa prossegue”, explicou (VIZEU: 2000, p. 60).

Itania Maria Mota Gomes (2006) analisa que os programas telejornalísticos são vistos como variante específica na programação televisiva “enquanto gênero programa

jornalístico televisivo” (GOMES: 2006, p. 10). Obedece, então, a formatos e regras do campo jornalístico negociadas com o campo da televisão. Ela explica que os telejornais, os programas de entrevistas, os documentários, entre outros, são variações do gênero, são os subgêneros.

### 2.3. A apresentação no telejornalismo brasileiro

A primeira emissora brasileira, a TV Tupi-Difusora, de São Paulo, transmitiu o primeiro telejornal do Brasil no dia seguinte ao da inauguração do canal de televisão no país, que ocorreu em 19 de setembro de 1950. Era o telejornal *Imagens do Dia*, que mostrava imagens não editadas, brutas, dos acontecimentos daquelas 24 horas. O noticiário não possuía tempo determinado de duração. Ele durava o quanto se julgasse necessário para a transmissão dos fatos. Maurício Loureiro Gama era o condutor.



Figura 1. Registro do início da TV Tupi relacionado ao *Imagens do Dia*, [http://www.rankbrasil.com.br/Recordes/Materias/01c-/Primeiro\\_Telejornal\\_Do\\_Brasil](http://www.rankbrasil.com.br/Recordes/Materias/01c-/Primeiro_Telejornal_Do_Brasil) (disponível em 14 de outubro de 2013)

Os primeiros telejornais utilizaram uma estrutura próxima à do rádio, afinal era essa a mídia anterior e de onde saíam os profissionais que se aventuravam no novo meio de comunicação. Ao transmitir a notícia, então, o locutor da televisão falava dos acontecimentos da forma que eles ocorriam, com detalhes e adjetivos. Para Valério Cruz Brittos (1999) a improvisação de Assis Chateaubriand e seu grupo “Diários e Emissoras Associadas’ foi o marco do início da televisão no Brasil, em 1950 (BRITTOS: 1999, p. 1).

O radiojornal *Repórter Esso* foi um grande sucesso, que estreou na televisão (veja

figura 2) em 1º de abril de 1952. A produção também marcou época no novo meio de comunicação. Gontijo Teodoro comandava o programa e dizia o bordão “Aqui fala o seu Repórter Esso, testemunha ocular da história”. O *Repórter Esso* ficou por 18 anos na televisão, tendo o fim decretado em 31 de dezembro de 1970.



Figura 2. Gontijo Teodoro na apresentação do Repórter Esso  
<http://4.bp.blogspot.com/-Fbz6Ykcsb4o/TgBLEJV9apl/AAAAAAAAADSg/1HK5-zvTpEM/s1600/reporter%2Besso.png>  
(disponível em 14 de outubro de 2013)

De acordo com Jaciara Novaes Mello (2009), avanços tecnológicos permitiram, nos anos 1960, que as emissoras intensificassem a presença dos telejornais na grade de programação. Na época, o país inaugurava a nova capital, Brasília. Nesse período surgiu o *Jornal de Vanguarda*, na TV Excelsior. Cronistas especializados em cada editoria eram os apresentadores e a produção ficava por conta dos jornalistas. Em 1963, esse programa recebeu o prêmio *Ondas*, na Espanha, como destaque entre os melhores telejornais do mundo naquele ano. A atração também foi exemplo nas aulas de comunicação do teórico canadense Marshall MacLuhan.

Como aponta Jefferson Bispo Ribeiro (2012), o período da ditadura quebrou os avanços que iam sendo conquistados e assim os narradores voltaram a apresentar os telejornais. A Band apresentou o “Titulares da Notícia”, nos anos 1970, com os fatos sendo contados pelos cantores Tônico e Tinoco. Mello (2009) conta que a intolerância política da época cortava iniciativas que contrariavam o regime: “A emissora [TV Tupi] trouxe Wladimir Herzog que assumiu a editoria do telejornal, em 1974. Mas, no ano seguinte, o jornalista pagou com a vida por ousar praticar os seus ideais na profissão em tempos de ditadura”, lembra (MELLO: 2009, p.5).

Célia Ladeira Mota (2009) destaca que, em tempos de abertura democrática, anos 1980 do século passado, as emissoras trocaram os narradores por jornalistas na função de âncoras, tudo pela credibilidade nas informações veiculadas (MOTA: 2009, p. 2). “As apresentadoras também ganharam espaço e algumas se tornaram famosas e respeitadas” acrescenta a autora, que cita Monica Waldvogel, Ana Paula Padrão e Fátima Bernardes como exemplos (MOTA: 2009, p. 2). O modelo de apresentação baseado em um casal na bancada do estúdio passava a ser comum.

De acordo com Mello, foi a partir de 1983, em período de decadência do regime ditatorial, que a televisão começou a ganhar espaço e se firmar como veículo de comunicação com forte apelo perante o público (MELLO: 2009, p. 3). “O estilo do telejornal se aproximava cada vez mais do modelo americano”, conta ela. Em uma bancada, os apresentadores iam chamando as reportagens. A autora acredita que a partir da chegada do videotape, o equipamento capaz de gravar imagens que posteriormente seriam transmitidas em fitas VHS, as emissoras puderam trabalhar com dinamismo em seus noticiários, “que chegavam ao público com linhas mais interessantes e completas” (MELLO: 2009, p.3).

O jornalista Boris Casoy é apontado pelos estudiosos da área de comunicação, ou por pelo menos a maior parte deles, como o primeiro âncora do telejornalismo do país, no entendimento de que, além de apresentar, participava de todo o processo de produção das edições do telejornal *TJ Brasil*. Além dele, o SBT contratou os jornalistas Marcos Wilson e Luiz Fernando Imediato, em busca de um novo momento no telejornalismo. Os equipamentos foram modernizados e as atrações jornalísticas foram reformuladas. Casoy, vindo do jornal impresso Folha de São Paulo, onde era editor-chefe, passava a ser o âncora do *TJ Brasil* (veja figura 3). Ali ele emitia opinião sobre as notícias e fazia entrevistas.



Figura 3. O TJ Brasil foi a estreia do editor-chefe da Folha de São Paulo da época, Boris Casoy, na televisão. <http://bloggustavogimenez.files.wordpress.com/2011/06/01.jpg>  
(disponível em: 14 de outubro de 2013)

Mello (2009) considera que a presença de jornalistas no comando dos programas foi determinante para o telejornalismo brasileiro, por impor na apresentação das notícias um estilo novo. “Os locutores perderam a força no telejornalismo porque os novos formatos exigiam mais do que vozes bonitas” (MELLO: 2009, p. 10). Ela passava a defender a importância de que um jornalista, de fato, estivesse à frente dos noticiários, em tempos em que “na sua caminhada rumo à qualidade, as emissoras investiam em equipamentos e profissionais” (MELLO: 2009, p. 10).

### 3. Jornalismo no SBT

Considerada uma emissora voltada para o entretenimento, o SBT tem pelo menos duas grandes colaborações no jornalismo que entraram para a história da área: o *TJ Brasil* e o *Aqui Agora*. Foi no SBT, no *TJ Brasil*, que Boris Casoy começou a fama na ancoragem. O Telejornal Brasil (*TJ Brasil*) surgiu antes do *Aqui Agora*, em 1988, e trouxe a figura do âncora, em um modelo conhecido nos noticiários estrangeiros. Apresentador e editor-chefe do TJ, Boris fazia entrevistas e emitia comentários pessoais durante a edição do programa. O telejornal veio amadurecer a imagem do canal, conhecido por ser popular. O noticiário forçou as outras emissoras a ajustarem suas produções.

Boris Casoy, para um outro estudo<sup>2</sup>, contou que a ideia da ancoragem era seguir o modelo norte-americano. “Me deram algumas fitas de âncoras americanos e disseram ‘olha, é isso que queremos’”, lembra. Ele disse que “de repente” começou a aparecer o comentário. Segundo Casoy, o âncora americano não comenta ou comenta muito pouco, sendo capaz de fazer um comentário por ano. Deveria, então, ser um profissional com autonomia perante a empresa, que dirige o telejornal, escolhe as equipes. “Eu tive isso de cara e no decorrer do telejornal apareceu a necessidade de comentar. Eu via a necessidade de comentar”, explicou.

Boris se recorda de uma discussão sobre o âncora ter que comentar ou não, porque era uma situação vista como grande novidade. “Não, âncora não deve comentar, isso não é compatível com a televisão’. Eu dizia: ‘O doutor Roberto Marinho pode comentar através de um dos locutores do Jornal Nacional, do Sid Moreira, e um jornalista não pode comentar?’”, disse.

Já o *Aqui Agora* nasceu em 1991 com o chamado *fait divers*. O conceito é explicado pelo professor Roberto Ramos: “A expressão francesa [...] designa, em sua generalidade, a informação sensacionalista” (RAMOS: 2001, p. 124). O radialista Gil Gomes, agora na televisão, ficou eternizado com um jeito dramático de conduzir as reportagens da atração. Letícia Cantarela Matheus (2012) disse que o noticiário “trazia a espontaneidade e agilidade do rádio”, “ameaçou a liderança da Globo” e “fez com o que grotesco se espalhasse pela programação das demais emissoras” (MATHEUS: 2012, p.

---

<sup>2</sup>SOARES, Luma: “O Perfil do Âncora no Telejornalismo Brasileiro”. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=TDhbEhOCZU4> (acesso: 6 de março de 2014)

195). Hoje há derivados do formato do *Aqui Agora* na Rede Record e na TV Bandeirantes, respectivamente os programas *Cidade Alerta* e *Brasil Urgente*.

### **3.1. SBT Brasília: um canal local de televisão**

O fechamento da TV Tupi, em 1980, gerou o surgimento dos canais Sistema Brasileiro de Televisão (SBT) e a TV Manchete. A explicação oficial do governo militar, de acordo com Sérgio Mattos (1990), foi: “O governo é contra o monopólio em televisão, pois resulta em queda de qualidade e, por isso, vai incentivar ainda mais a concessão de novos canais, para ampliar o número de redes nacionais no país” (MATTOS: 1990, p. 18).

Nos anos 1980, o apresentador Silvio Santos já era conhecido por seus trabalhos em outras emissoras. Ele havia passado pela TV Paulista (Globo), TV Tupi e TV Record. Segundo Maria Celeste Lira (1995), o SBT nasceu comprometido a integrar imediatamente as emissoras pretendidas num centro de produções, possibilitando a elas levar ao ar uma programação de até “cento e dez horas semanais, com até 65% de programas ao vivo” (LIRA: 1995, p. 91).

O SBT em Brasília nasceu em 1981, mesmo ano da inauguração nacional da emissora. A capital compõe o pacote de canais concedido pelo governo federal a Silvio Santos, juntamente com São Paulo, Rio de Janeiro, Belém e Porto Alegre.

#### **3.1.1. Telejornalismo no SBT Brasília**

O *TJ Brasília* foi a primeira experiência de jornalismo voltado para a região da capital federal, em 1989, e durou menos de um ano. Após esse jornal, o departamento de Jornalismo foi mantido para abastecer os telejornais de rede.

A direção central de Jornalismo da emissora, em São Paulo, acreditou no início dos anos 2000 que era a melhor opção criar o *Cidade Viva*, o telejornal local do SBT em Brasília, mas que não era produzido por eles. A produtora *AP Vídeo* foi contratada, ou seja, a produção foi terceirizada. A editora Ylene Ribeiro, que fez parte dessa equipe e trabalha hoje no *SBT Brasília*, contou: “os repórteres, apresentadores, todos eram subordinados à produtora. Muitos acham que esse espaço era comprado, no entanto, foi a própria direção do SBT quem escolheu esse modelo” (RIBEIRO: 2012, p. 39). Ylene

considera que o jornalismo nunca foi prioridade da emissora, porém era necessário trazer à tela algum programa de conotação regional, uma vez que, por quase duas décadas, o *SBT Brasília* ficou apenas como mera retransmissora de São Paulo. O *Cidade Viva* contava com pouca produção de rua, mais entrevistas de estúdio e participação de telespectadores pelo telefone. Foram quase oito anos no ar.

Em 2008, o SBT em Brasília decidiu por um jornalismo próprio e até mesmo pela criação de um segundo horário para os noticiários. Em entrevista ao portal *ADTV*, Claudêmio Costa, então diretor de jornalismo do SBT em Brasília, afirmou que a reformulação do telejornal pretendia deixá-lo mais ágil e dinâmico, diminuindo as participações em estúdio e priorizando o conteúdo de rua. “O *Cidade Viva* tem muito estúdio. Nós queremos mudar isso, ter mais reportagens. Não vamos parar com o estúdio, mas vamos usá-lo para discutir questões importantes”.<sup>3</sup>

---

<sup>3</sup>A entrevista de Claudêmio Costa concedida para o portal *ADTV* pode ser encontrada em <http://audienciadstv.blogspot.com.br/2008/11/sbt-braslia-vai-estrear-dia-1711.html> (acesso: 17 de outubro de 2013)

## 4. O objeto de estudo

### 4.1. SBT Brasília: um telejornal local

O *SBT Brasília* foi ao ar pela primeira vez em 17 de novembro de 2008, apresentado pela jornalista Natália Leite. Em maio de 2009 a apresentação passou a ser da jornalista Neila Medeiros.

O *SBT Brasília* é exibido de 12h30 às 13h, de segunda a sexta-feira, com cerca de 20 minutos de produção, habitualmente dividido em três blocos jornalísticos, intercalados por dois intervalos comerciais e ocasionalmente com a presença de *merchandisings* (alguns segundos de publicidade no estúdio). O telejornal apresenta VTs completos, notas cobertas e secas. As notas cobertas são imagens dos acontecimentos com narração do que ocorreu ali, mas sem a presença do repórter, e as notas secas são aquelas lidas ao vivo e sem imagens. O *SBT Brasília* ainda conta com entradas ao vivo dos repórteres, que variam em cada edição. A atual chefe de reportagem, a jornalista Bianca Fragoso, explicou: “trabalhamos com matérias policiais, denúncias investigativas, além dos VTs de drama com os 'personagens de nossa cidade'”<sup>4</sup>.

O *SBT Brasília* conta hoje com 3 repórteres, 3 cinegrafistas e seus respectivos auxiliares, 2 editores, 2 produtores, 2 estagiários, 1 chefe de reportagem e um editor-chefe, além da apresentadora. A equipe tem, ao todo, 18 profissionais.

Bianca Fragoso detalha as etapas de construção de uma edição do *SBT Brasília*: para os VTs que são produzidos, que não são fruto da urgência, “não é preciso fazer reunião de pauta, pois sentamos [as produtoras] muito perto e cada uma sugere um assunto”. As reuniões de pauta convencionais são em épocas específicas: “Quando precisamos pensar em séries de reportagens ou organizar as pautas para os esquemas de plantão (Carnaval, Semana Santa, Natal e Ano Novo), a equipe faz uma reunião”, explicou. A jornalista revelou que a produção utiliza o *WhatsApp* (aplicativo multiplataforma que permite trocar mensagens pelo celular sem pagar por SMS), onde possuem um grupo para se comunicar durante todo o dia, mesmo fora do ambiente e do período de trabalho.

---

<sup>4</sup>A entrevista realizada com a chefe de reportagem Bianca Fragoso via *e-mail* está no Anexo 1.

Para os VTs factuais, como um acidente de trânsito, um assalto, ou até mesmo um prédio que desabou, segundo Bianca, “as produtoras e a chefe de reportagem chegam antes dos repórteres”. Quando eles chegam já é hora de sair para o acontecimento. O *SBT Brasília* passa por uma fase de transição, em busca de um formato que se aproxime ainda mais de quem está em casa.

“O *SBT Brasília* busca se aproximar dos telespectadores e ouvir os problemas da comunidade. Também trabalhamos com matérias policiais, denúncias investigativas, além dos Vts de drama com os "personagens de nossa cidade". Recebemos muitas ligações, sugestões de pauta e buscamos mostrar os problemas enfrentados pelos telespectadores. Geralmente, o primeiro bloco é enorme e fica com as notícias mais quentes. Os outros dois são mais tranquilos. Mas é isso, o formato está em mutação. O jornal tem dois intervalos e a gente sempre se preocupa em saber o tamanho de cada break” (FRAGOSO, 2013, Anexo 1).

No *SBT Brasília*, o produtor é o jornalista responsável por executar a produção de matérias e *links* (entradas ao vivo dos repórteres direto de algum ponto da cidade). Com a orientação da chefia de reportagem esse profissional realiza todos os passos para que uma ideia se transforme em matéria jornalística. Responde pela marcação das entrevistas e pelo pedido de autorização para gravação em determinados locais. Ainda faz a apuração de assuntos que são dados por meio de notas e não reportagens. O estagiário colabora, apurando informações com as polícias, com os bombeiros, com o SAMU e auxiliando diretamente na produção das matérias, com decupagens de imagens e sonoras.

O chefe de reportagem é o coordenador do processo da rotina produtiva. Ele precisa fazer com que repórteres cumpram as pautas dentro do deadline, faz a coordenação da produção. Ele age para que o telejornal tenha os principais fatos do dia, trabalha para cumprir os desejos do editor-chefe, cuida da logística de entrega do material que está sendo produzido e coordena as equipes técnicas para o cumprimento das pautas.

O repórter é quem faz o contato do telejornal com a comunidade. Ele produz as reportagens que foram discutidas com a chefia do jornalismo na redação.

O editor de texto é o profissional que faz a ponte do repórter com a redação, auxilia na concepção da matéria, garante a execução da reportagem de acordo com o encaminhamento previsto na pauta original. Ele edita as reportagens que vão ao ar no telejornal. O editor de imagem faz a edição da matéria, une imagens e áudio. Esse

também grava as escaladas do telejornal.

Por fim, o editor-chefe é o responsável por ‘montar’ o telejornal, é quem decide a ordem em que as reportagens irão ao ar, sugere abordagens e divide o trabalho de edição. Esse profissional controla a entrada do *SBT Brasília* no ar.

O *SBT Brasília*, que é o tema deste estudo, segue uma rotina que garante a qualidade e a conclusão do produto final, que é o noticiário. Assim, todos os dias, logo cedo, as produtoras e a chefia de reportagem fazem um “pente fino” no que acontece (ou aconteceu durante a noite e a madrugada) em todo o DF e entorno. O editor-chefe Juan Preuss<sup>5</sup> conta que nessa apuração a “equipe faz uma ronda em todas as delegacias do DF e entorno, liga para PM, Bombeiros, Samu”. Na redação acompanham o que é transmitido pelas outras emissoras, apuram denúncias e decidem se é o caso de seguirem com as pautas marcadas anteriormente ou se surgiu algo mais urgente.

Durante a manhã os assuntos vão surgindo com rapidez, e com isso mais e mais necessidade de checagem. A produção ainda passa a atender demandas da edição, que são as dúvidas sobre algum assunto ou a necessidade de confirmar informações. Já a chefia de reportagem, que ali coordena tanto a produção quanto as equipes de reportagem, também aproveita para checar o que foi feito e deixado no dia anterior.

Juan Preuss explica que entre o primeiro e o segundo passo citados, a apuração e a necessidade de confirmar cada vez mais a veracidade do que se tem, as equipes de reportagem são liberadas. Dependendo do dia, o horário de alguns funcionários pode ser antecipado, a depender da necessidade da pauta. “Muitas vezes o primeiro que chega mal entra e já sai, pela urgência dos fatos. Às vezes é preciso aguardar alguns minutos a mais enquanto se tomam decisões entre a chefia de reportagem e a edição”, comenta.

Enquanto a produção apura os assuntos, os editores adiantam o material deixado no dia anterior. Iniciam as edições de reportagens, de notas cobertas, de *offs* vivo e do que mais aparecer pela frente.

O editor-chefe começa a montar o espelho da edição com um panorama de tudo que acontece. Faz a divisão das tarefas e decide-se o destino de cada repórter. Todo este processo precisa ser o mais cedo possível para evitar atropelamento. “O pré-espelho não

---

<sup>5</sup>A entrevista realizada com o editor-chefe Juan Preuss via *e-mail* está no Anexo 7.

pode demorar pra sair”, destaca Juan. Nesse meio tempo, a chefia de reportagem e os editores definem onde será colocado o caminhão do *link*.

Com o passar da manhã, as posições do pré-espelho se alteram. “Retranças mudam de nome e surgem novas laudas. Tudo depende do dinamismo diário”, comenta Juan.

Enquanto isso, a produção permanece na apuração e checagem das informações. A chefia de reportagem segue no controle do relógio das equipes de reportagem. “Neste cálculo entra a necessidade do assunto, o local onde estão as equipes, tempo de deslocamento entre um ponto e outro”, explica o editor-chefe.

Juan conta que o ritmo de apuração, checagem e atenção segue até o último minuto do telejornal. “Todo mundo fica a mil. São as últimas edições, as últimas checagens, a cobrança sobre repórteres aumenta, as revisões de VTs, os últimos ajustes”, acrescenta.

Entrar no *switcher* (sala de controle, com monitores de televisão, computadores e conexão com apresentadores e repórteres) para começar o *SBT Brasília* com um espelho fechado não significa estar com o jornal finalizado. A ordem das reportagens pode mudar segundos antes de entrar no ar. Eventualmente aparecem notícias de última hora. Juan admite: “Alívio apenas quando a apresentadora se despede”.

De volta à redação, a equipe discute o dia e pensa no seguinte. O editor-chefe salienta que durante a manhã já se pensa, além de tudo, no dia seguinte. “A produção faz uma agenda e atende a demanda de reportagens para o dia seguinte”, afirma.

Bianca Fragoso fala um pouco mais sobre a rotina que a jornalista Neila Medeiros tinha na equipe:

“A Neila acompanhava o processo desde o início do jornal: a saída dos repórteres; a edição das reportagens e os desdobramentos que a produção apurava com as fontes. Quando tínhamos reunião de pauta, ela ajudava com ideias e sugestões de assuntos. Costumava reeditar os VTs de São Paulo, as próprias matérias que fazia (ela costumava fechar muitos Vts drama e culturais) e, às vezes, matérias do dia-a-dia com repórteres do local. Geralmente, conversava com o Juan sobre a condução das matérias, mas não tinha a postura de “derrubar” os Vts. Tinha toda a liberdade para fazer comentários” (FRAGOSO, 2013, Anexo 1).

## 4.2. A jornalista Neila Medeiros

A jornalista Neila Cristina de Medeiros Sousa passou a ser apresentadora do *SBT Brasília* em maio de 2009, permanecendo na função até meados de 2013. Nasceu em 24 de setembro de 1977, em Brasília. Começou a carreira na comunicação como *freelancer* na produção de vídeos institucionais na TV Tropical, que é afiliada da Rede Record em Natal, no Rio Grande do Norte. Lá produzia, editava e apresentava. “Não sabia de nada. Ia me virando entre os professores da faculdade de publicidade”<sup>6</sup>, lembra. Naquela época recebeu convite para fazer um teste no SBT, onde estavam procurando uma apresentadora para o jornal da noite. “Na TV Ponta Negra, afiliada do SBT, aprendi o ofício ao longo de nove anos”, conta Neila, que passou por várias atrações e funções, como apresentar programas internos e independentes.

Ela recorda que trabalhou como mestre de cerimônia em diversos eventos e fez campanhas publicitárias e institucionais, além de narração para documentários. “Antes de voltar para Brasília, em 2009, fiz uma campanha política em São Paulo. Em Brasília fui para assessoria de imprensa da 1ª Vice Presidência da Câmara dos Deputados, editei e apresentei o *Programa Carreiras*, na TV Justiça”, disse. No mesmo ano voltou para o SBT, agora na capital, e concluiu o curso de Jornalismo no IESB (Instituto de Educação Superior de Brasília). Ainda chegou a trabalhar na TV Justiça, canal do Poder Legislativo, apresentando o programa *CNJ em Ação*.

O trabalho da apresentadora no *SBT Brasília* chamou a atenção da direção da emissora em São Paulo. Neila Medeiros, uma jornalista com funções em uma afiliada, foi convidada para substituir o jornalista Rodolpho Gamberini por duas semanas na apresentação do bloco “ao vivo” do *SBT Manhã*. Em julho/agosto de 2013, após deixar a capital do país para cobrir férias na sede, foi contratada pelo jornalismo da central.

Quando questionada sobre ter sido âncora ou apresentadora do SBT Brasília, Neila disse não ter uma “definição técnica”. Ela disse que chegava com o jornal ainda por fazer, se juntava aos colegas de trabalho e iam montar a edição de cada dia. Editavam, falavam ao telefone, gravavam *off*, apuravam, faziam festas de aniversário e despedidas, riam, choravam, tiravam fotos, “tudo junto”. “Ao vivo a responsabilidade é minha. Está ali o trabalho de todos. Pauteiros, motorista, auxiliar, editores, repórteres, *link*, corte, arte,

---

<sup>6</sup>A entrevista concedida pela jornalista Neila Medeiros para este estudo está no Anexo 2.

programação... Se um erra vem pra mim, se eu erro vem pra mim. Tem que segurar a onda”, argumentou, dizendo que emitir opinião e informar são situações que por vezes andam juntas. Ao término da entrevista para este trabalho, Neila disse: “prefiro mais informação e menos opinião. Mas às vezes a coisa ferve. Não ferve?”.

Em entrevista por e-mail para este estudo<sup>7</sup>, a jornalista Neila Medeiros afirmou que o comentário nada mais é que “uma extensão das atividades de um âncora”, que não só apresenta mas participa da confecção do jornal. Não seria então uma obrigação, mas um “complemento do trabalho que ele exerce em todo o processo”. No comentário ele, o âncora, teria, disse ela, possibilidade de passar mais informações e emitir opinião.

A jornalista conta que não modificou a rotina de leituras desde o tempo em que conduzia o *SBT Brasília*: “Jornais diários, revistas semanais, sites de notícias, agências, jornais locais, jornais de bairro, bula de remédio...”, disse. Ela, então, se reconhece como âncora e garante nunca ter sido impedida de comentar nenhum assunto: “O SBT sempre me deu a liberdade e a confiança de exercer o meu trabalho da forma como acredito e aprendi com colegas”. Neila conta que tanto havia comentários escritos por ela momentos antes do jornal, ainda durante a manhã, quanto palavras que saiam ao vivo, da indignação e demais necessidades no momento do telejornal.

Sobre a necessidade do âncora, até chegar a esse posto, necessitar ser conhecido pelo telespectador, a jornalista, que é participativa nas redes sociais da *Internet*, acredita que se aproximar desse público pode sim ser uma estratégia necessária atualmente: “Hoje em dia a audiência determina muitas coisas. O público hoje é mais participativo [...] Ele tem o poder das redes sociais pra isso. Ele pode gostar do programa mas não do apresentador e vice-versa”.

Perguntada sobre se o âncora é juiz das situações, Neila Medeiros acredita que ele não deve fazer isso, assim como qualquer ser humano. “Estar à frente das câmeras e usar esse poder para julgar as pessoas não é bonito. Procuo não fazer julgamentos, mas não posso dizer que nunca fiz. Essa é uma preocupação constante”, defendeu.

A jornalista acredita que o público que assiste aos jornais aumentou ao longo dos anos. “Se antes a audiência era prioritariamente das classes A e B, hoje tem participação

---

<sup>7</sup>A entrevista citada, com a jornalista Neila Medeiros, pode ser conferida no Anexo 6 ao fim deste trabalho.

massiva da classe C e as que se seguem", explicou. "Dá aos apresentadores o status de celebridade, de estrela de TV", comentou. Ela acredita que hoje o alcance é maior e o público mais detalhista.

## 5. Metodologia

Este trabalho de pesquisa foi elaborado, primeiramente, a partir da revisão bibliográfica na área de telejornalismo no Brasil.

Logo no início do processo de elaboração da monografia, a jornalista Neila Medeiros assinou contrato com a sede do SBT em São Paulo e, assim, deixou o *SBT Brasília*. O fato poderia dificultar o contato entre o estudante e a jornalista tema do trabalho, porém a profissional sempre se dispôs a responder às entrevistas da pesquisa via *e-mail*, redes sociais e até mesmo por telefone.

Este trabalho se apresenta então como um estudo de caso, tema explicado por Alberto Albuquerque Gomes (2008) de acordo com diretrizes de Robert K. Yin, que o definiu como sendo a melhor estratégia de pesquisa no momento em que há questões do tipo “como?” e “por quê?”, quando o pesquisador tem pouco controle sobre os eventos e quando o foco está em fenômenos contemporâneos que fazem parte de algum contexto da vida real.

Yin sugere que um estudo de caso “atraente” deve reunir algumas características básicas: engajamento, instigação e sedução: “Produzir um estudo de caso como esse exige que o pesquisador seja entusiástico em relação à investigação e deseje transmitir amplamente os resultados obtidos” (YIN: 2005, p. 197).

Marcos Cortez Campomar explica o estudo de caso como um trabalho que envolve análise intensiva de uma quantidade relativamente pequena de situações e, às vezes, o número de casos pesquisados pode até mesmo se reduzir a um. “É dada ênfase à completa descrição e ao entendimento do relacionamento dos fatores de cada situação, não importando os números envolvidos”, diz ele (CAMPOMAR: 1991, p. 96).

Campomar considera que Yin apresentou a melhor explicação de como esses trabalhos podem ser feitos. Seria necessário de início definir-se com clareza o problema e depois ser desenhada a estrutura de coleta dos dados e a apresentação das perguntas principais, decidindo-se por um ou por múltiplos casos. “Deverão ser determinados os instrumentos para a coleta de dados, os quais, normalmente, poderiam ser literatura, documentos de arquivo, entrevistas (com decisão sobre estrutura e disfarce), observação (participativa ou não), experiências e, mesmo, artefatos”, explica o autor, que acredita ser

aconselhável realizar um trabalho seguro, com métodos qualitativos, no lugar de um “castelo de cristal”, com o uso de métodos quantitativos quando eles não são os mais indicados” (CAMPOMAR: 1991, p. 96).

## 6. Corpus

A pesquisa foi iniciada nos últimos meses em que a jornalista Neila Medeiros esteve na apresentação do *SBT Brasília*. Quando a jornalista foi convocada pela central de jornalismo em São Paulo, o estudo ainda não havia providenciado gravações de telejornais. Por isso, os arquivos da emissora foram necessários. Para a análise do trabalho da jornalista, então, esta pesquisa contou com 4 edições na íntegra fornecidas pela emissora em Brasília. Foram elas: a edição de 9 de janeiro de 2012 (47 minutos), a edição de 13 de janeiro de 2012 (47 minutos), a edição de 28 de agosto de 2012 (30 minutos) e a edição de 12 de novembro de 2012 (31 minutos). Foi de fundamental importância acompanhar as edições em sua totalidade, para verificar a linha de construção do telejornal, as mudanças de entonação entre uma reportagem e outra, além, é claro, do tempo dedicado para cada assunto.

Para este estudo foram utilizados ainda trechos de edições do telejornal disponibilizados na *Internet*, por ser o local onde é possível notar a quantidade de visualizações e, assim, a repercussão dos comentários e performances da apresentadora. Foram 4 vídeos, de diferentes edições do SBT Brasília: trechos publicados no *Youtube* em 14 de janeiro de 2012 (com ao todo 4 minutos e 36 segundos), 29 de agosto de 2011 (com ao todo 5 minutos e 58 segundos), 1 de setembro de 2011 (com apenas comentário de 1 minuto e 28 segundos) e 12 de novembro de 2012 (com comentário de 1 minuto e 17 segundos).

Ainda foram feitas entrevistas por e-mail com dois profissionais da equipe do telejornal local, sem contar as conversas com a própria jornalista Neila Medeiros, também via *Internet*.

### 6.1. O trecho que mais repercutiu

A jornalista Neila Medeiros, que ancorou o *SBT Brasília*, ganhou repercussão nacional, graças à *Internet*, após demonstrar indignação ao vivo em uma edição do

telejornal em janeiro de 2012<sup>8</sup>, com comentário que durou 3 minutos e 47 segundos. Por esse motivo este trabalho cita primeiramente, antes das edições disponibilizadas pela emissora, esse momento. A revolta da ocasião, mostrada no *take* acima, veio a partir de uma declaração do Secretário de Obras de Luziânia da época, cidade que pertence ao Entorno do Distrito Federal, Cláudio Meireles.



Figura 4. Neila Medeiros, indignada com servidor público, defende a imprensa  
<https://www.youtube.com/watch?v=zBi5nRggKvw>  
(disponível em: 15 de maio de 2014)

A reportagem cobrava obras de prevenção a enchentes. O secretário Cláudio comentou a impossibilidade de colocar em prática os projetos em tempos de chuva e ainda culpou a imprensa pela demora nos trabalhos. “A própria imprensa, ao invés de ajudar, não deixa a gente trabalhar. Eu estou desde ontem no telefone e dando entrevista, e isso aí atrapalha”, disse ele na ocasião. Neila não deixou de responder ao homem quando a câmera voltou para o estúdio. “Não fizeram por culpa da imprensa? Como assim? Está dando entrevista porque tem que ter alguém para dar entrevista. Órgão público tem que dar satisfação para a população. Faz o seu serviço que a gente faz o nosso. Prevenção não tem nada a ver com a imprensa”, rebateu a jornalista.

O vídeo, disponibilizado no *site Youtube* em 14 de janeiro de 2012, conta com mais de 1 milhão de visualizações. Foi a partir dessa demonstração de opinião que se deu a

---

<sup>8</sup>A ocasião em que a jornalista ficou indignada com declaração do secretário de obras pode ser vista em: <https://www.youtube.com/watch?v=zBi5nRggKvw> (acesso: 15 de maio de 2014)

escolha do tema deste trabalho, estudar a forma de apresentação da jornalista Neila Medeiros. Em enquadramento fechado, a comunicadora demonstrou surpresa com as palavras do homem, defendeu a prevenção contra problemas com a chuva e deu informações adicionais, que abasteceram a discussão. Andava pelo cenário e se aproximava por vezes ainda mais da câmera.

## 6.2. Primeira edição cedida: janeiro de 2012



Figura 5 . A jornalista lembra que a equipe esteve com água na cintura para mostrar problema  
[https://www.youtube.com/watch?v=GOdFN5\\_uj0](https://www.youtube.com/watch?v=GOdFN5_uj0)  
(disponível em: 17 de outubro de 2013)

O telejornal do dia 9 de janeiro de 2012 começou às 12h30 e terminou às 13h17, tendo, portanto, 47 minutos de duração. A escalada, de aproximadamente 2 minutos, apresentou, na seguinte ordem, o que seriam os destaques da edição: "Menino de seis anos morre afogado", "Caminhão cai em buraco aberto pela chuva em Luziânia", "Mãe que abandonou filho se entrega", "Os crimes em Águas Lindas", "Afogamento de jovem de 21 anos", "Passe estudantil" e "Dicas sobre concurso público". Nesta parte do jornal, a jornalista Neila Medeiros disse que o programa era uma mistura de jornalismo e entretenimento.

Às 12h32 começaram a ser apresentadas as notícias do dia e a primeira foi o caso

da mãe que, então arrependida, se entregou após ter abandonado o bebê que teve. A mulher escondeu a gravidez e teve o filho sozinha no apartamento em que trabalhava como empregada doméstica. Neila Medeiros comentou o caso: “que seja recebida por uma família que lhe dê muito amor e muitas condições emocionais de ser feliz”. Passados 4 minutos deste tema, às 12h36, foi a hora de um *link* (vivo de repórter) para falar sobre as mudanças nas regras do passe livre estudantil, em que não houve comentários.

Às 12h39 o *SBT Brasília* deu uma nota seca sobre consulta do imposto de renda, também sem comentários da jornalista Neila Medeiros. O ponto alto das opiniões dela nesta edição do telejornal foi na reportagem seguinte: às 12h40 começou a passar o caso do garoto de seis anos de idade que morreu afogado em Engenho das Lajes. O motivo da indignação: o afogamento ocorreu por causa de uma obra inacabada do Governo Federal. Na cabeça da reportagem ela disse que estava “desesperançosa”, “com raiva” e “triste”. “O *SBT Brasília* denunciou, fez apelos, e mesmo assim nenhuma autoridade fez nada”, alegou a jornalista. Somente essa abertura do assunto durou 34 segundos. O VT contou com mais 3 minutos e 10 segundos.

Foi depois, então, que, apresentado o vídeo, Neila pôde comentar o caso, por 2 minutos. “DNIT, durma com isso [...] Isso é de doer. É de indignar, é de dar raiva. Como é que pode um descaso como esse com um assunto tão grave? Como podem autoridades responsáveis permitirem que isso aconteça?”, disse ela. A jornalista lembrou que os profissionais da emissora estiveram lá e mostraram a situação, sem que isso fizesse alguém tomar alguma atitude que solucionasse o problema. “A nossa repórter, cinegrafista, auxiliar, fizeram uma reportagem com água aqui na cintura, vocês viram. Mostraram o drama dos moradores, o perigo que a comunidade corria e ninguém fez nada, ninguém”. Citou até mesmo uma expressão muito conhecida pelos comentários do âncora Boris Casoy: “Se morre um filho de político ou de servidor público a coisa vira um alarde, mas filho de gente humilde pode correr risco na porta de casa? Isso é uma vergonha”.

Às 12h46 a reportagem foi sobre um caminhão que caiu em um buraco em Luziânia depois de uma forte chuva. Neila Medeiros perguntou: “Vocês viram lá o buraco que a prefeitura consertou? Em outros países a reconstrução é rápida”. Uma reportagem tratando da dificuldade de encontrar endereços no Distrito Federal foi exibida depois de um intervalo, começando às 12h53 e indo até 12h59, contando com uma explicação de

Neila Medeiros sobre como funcionam os endereços em Brasília. Às 12h59, então, mais um intervalo.

Às 13h03 foi ao ar uma reportagem sobre um casamento que ocorreu dentro do cinema, o que a jornalista Neila Medeiros considerou "muito lindo". Ela desejou felicidades ao casal. Entre 13h07 e 13h09 Neila falou sobre oportunidades de emprego e de concursos públicos. Às 13h09 foi o momento de um VT de um minuto sobre o jovem que morreu afogado na Barragem do Descoberto.

Às 13h13 começou o último bloco, com a jornalista pedindo desculpas ao público, pois o professor que comentaria sobre concursos da época não conseguiria chegar a tempo para este dia do telejornal por conta do trânsito. Às 13h14 falou-se sobre os crimes, que seriam frequentes, em Águas Lindas. Nesta reportagem a jornalista Neila Medeiros comentou que por lá é sempre assim e que "se tem bandido é porque tem liberdade". Finalizou o comentário com: "Prefeito, estamos de olho". Esta edição do SBT Brasília terminou às 13h17 com a jornalista mandando beijos para alguns telespectadores.

Os câmeras de estúdio centraram a atenção nos comentários da jornalista e, fora o momento em que precisaram abrir a imagem para ela mostrar a posição na cintura em que a água alcançou, fecharam o enquadramento. Nesta edição a jornalista se mostrou com diferentes nuances: tratou com indignação de alguns assuntos e se aproximou do telespectador em outros por meio do carinho, do lado emocional (ao, por exemplo, partilhar os sentimentos com a população sofrida). Foram 7 VTs, dos quais a jornalista comentou em 5, além de 2 notas.

### **6.3. Segunda edição cedida: janeiro de 2012**

O telejornal do dia 13 de janeiro de 2012 começou às 12h30 e terminou às 13h17, tendo, portanto, 47 minutos de duração. A escalada, com 2 minutos, elencava os seguintes assuntos para o dia: "Mulher procura o pai", "Mãe que teria envenenado os filhos", "Interdição na via L4", "Padre suspeito de pedofilia consegue liberdade", "Faça em casa", "Música no estúdio" e "Nova programação do SBT".

Às 12h32 a primeira notícia da edição: uma nota coberta, portanto com imagens, sobre um acidente de trânsito que ocorreu na via EPTG (Estrada Parque Taguatinga) entre três carros, um ônibus e um caminhão. Às 12h33, a jornalista Neila Medeiros fez, ao

vivo, um *merchandising* de uma empresa de telefonia<sup>9</sup>, com um minuto de duração. Logo depois foi exibido o VT da garota que animou a mãe para procurar a produção do *SBT Brasília* a fim de reencontrar o pai. A equipe não encontrou o homem, mas a história foi divulgada e a jornalista fez um apelo: "Olha senhor João Batista, se estiver nos assistindo entre em contato". Ela aproveitou ainda esse momento do jornal para agradecer ao público que liga sugerindo pautas.

Às 12h38 foi exibido o VT que rendeu os comentários feitos por Neila Medeiros na edição: uma pesquisa do Ibope que mostrou que a maior parte dos pacientes da saúde pública no Brasil a consideram péssima ou ruim. Após a exibição da reportagem, ela disse: "Isso mostra que o brasileiro não é besta, ele sabe o que quer. Existem 139 projetos de lei contra a corrupção, mas não avançam. Para que tantos projetos que dizem a mesma coisa? Tudo quer falar: o que não é seu não é para pegar".

Às 12h44 foi ao ar um *link* falando de interdição em via do Plano Piloto por conta de uma manilha que estourou com as chuvas. Às 12h45 foi ao ar mais um *merchandising*, dessa vez Neila Medeiros falou sobre um supermercado<sup>10</sup>. Às 12h46 exibiu-se o VT do padre Evangelista Moisés de Figueiredo, que, suspeito de abusar de 6 crianças, conseguiu liberdade provisória. A jornalista Neila Medeiros limitou-se a dizer: "Sem comentários". Às 12h47 o que ganhou espaço na edição foi um curso rápido de férias, em que as meninas aprendiam sobre maquiagem e moda, o que para a jornalista "só poderia dar em coisa boa".

Voltou-se dos comerciais, às 12h54, com um VT sobre como fazer as chamadas "bonecas ponteiras de lápis" em casa. Às 12h59 foi divulgada a nova programação nacional da emissora. Às 13h foi dada uma nota seca, então sem imagens para cobrir a informação, sobre o término do prazo para efetivação da matrícula na rede pública de ensino. Às 13h01 Neila Medeiros, ao vivo, chamou um VT publicitário de uma empresa do ramo dos colchões<sup>11</sup>.

Às 13h02 foi exibido o VT que falava sobre a suspeita de uma mãe ter dado medicamentos fortes aos três filhos, provocando intoxicação. Neila Medeiros comentou: "Que os momentos de falta de lucidez não comprometam as crianças". Às 13h05 foi

---

<sup>9</sup> Empresa de telefonia patrocinadora: Oi

<sup>10</sup> Supermercado patrocinador: Mais Atacadista

<sup>11</sup> Empresa do ramo dos colchões patrocinadora: Dr Colchão.

exibido um VT que falava dos riscos das erosões causadas pelas chuvas. O último intervalo da edição veio então às 13h07.

Às 13h11 voltou-se do intervalo com a Agenda Cultural. Às 13h13 Neila Medeiros recebeu a cantora Renata Jambeiro e o músico Felipe Portilho, que se apresentariam na capital naquela noite e às 13h17 encerrou a edição do telejornal mandando beijos para alguns telespectadores.

Nesta edição, que contou com 7 VTs, 2 notas, 4 espaços publicitários, 1 *link*, uma agenda e participação no estúdio, a jornalista Neila Medeiros comentou em 4 reportagens.

#### **6.4 Terceira edição cedida: agosto de 2012**

O telejornal de 29 de agosto de 2012 começou às 12h28 e terminou às 12h58. A abertura já foi direto com a primeira parte de uma reportagem sobre um obstetra da região administrativa do Paranoá suspeito de abusar sexualmente de pacientes. Foram três minutos de VT e Neila Medeiros disse: "Essa denúncia é muito grave. Nós não podemos afirmar nada, ainda são acusações. Mas não podemos virar as costas para seis denúncias policiais". A escalada desta edição veio a seguir, às 12h31. Os destaques do dia eram: "Força Nacional reforça segurança no Distrito Federal", "Delegado é preso acusado de extorsão em Taguatinga", "Novidades no caso do taxista assassinado no Lago Sul", "Sequestro de Idosa na Asa Norte" e "Creche precisa de ajuda para não fechar as portas".

Às 12h32 o repórter Jayme Vasconcelos fez o primeiro *link* falando sobre a atuação da Força Nacional de Segurança no Distrito Federal. Um minuto depois foi exibido um VT sobre uma senhora de 64 anos que foi sequestrada na Asa Norte, área central de Brasília. Ligando esse caso com a atuação da força na região, citada anteriormente, a jornalista Neila Medeiros disse que não adiantava a população ficar muito esperançosa, pois os homens ficariam nas fronteiras, e na maior parte dos casos de "sequestro-relâmpago" os bandidos não tentam sair da cidade. "Quem for sequestrado tem que rezar para os bandidos tentarem sair do DF, pois se ficarem circulando por aqui dentro nem vão ser vistos", comentou ela. Às 12h36 foi ao ar a segunda parte, de três, do caso do obstetra acusado de abuso sexual.

Às 12h38 houve uma nota seca sobre um menino de 11 anos de idade que havia

sido morto a tiros. Neila Medeiros falou sobre o caso rapidamente: "Pode ser caso de briga de gangues e mais uma vez ninguém sabe de nada". Ainda às 12h38 começou a segunda parte do *link* sobre a atuação da Força Nacional, com sonora do secretário de Segurança Pública da época, Sandro Avelar. Neila Medeiros lembrou que haviam dito que os números da criminalidade no DF caíram, porém agora falavam de novos homens cuidando daqui: "Já sabiam que a situação estava ruim, mas estavam anunciando que não. A gente quer essa atuação nas entradas e saídas, mesmo sabendo que aqui dentro a coisa está preta".

Às 12h41 foi exibido o VT sobre a creche que precisava de ajuda financeira para continuar recebendo as crianças. Às 12h43 deu-se uma nota coberta sobre novas regras para concurso público. A terceira e última parte sobre o caso do obstetra suspeito de abusar de pacientes veio às 12h44, com o doutor se defendendo sem saber que estava sendo filmado. A produção não identificou o médico: "Volto a frisar que estamos mostrando o caso após ter sido registrado em delegacia. Como ainda ocorrem investigações não estamos falando o nome do obstetra", explicou Neila. O primeiro intervalo desta edição foi às 12h47.

Voltou-se dos comerciais às 12h49 com um *link*. O repórter Carlos Balbino tratou de novidades em caso de um taxista morto na região do Lago Sul: um outro acusado havia sido preso. Às 12h52 já foi o segundo intervalo.

O telejornal voltou a ser apresentado às 12h54 com *link* sobre delegado da região administrativa de Taguatinga que havia sido preso acusado de extorsão. Logo em seguida, no mesmo minuto, começou nota coberta sobre novas convocações do programa Morar Bem. Às 12h56, mais uma vez em *link*, falou-se sobre troca de tiros em Águas Lindas de Goiás, entre policiais e bandidos que tentaram arrancar bolsa de mulher que saía de agência bancária. Às 12h57 Neila Medeiros, em nota coberta, convidou os telespectadores para colaboração no Hemocentro (banco para doação de sangue). Com o envio de beijos, ela encerrou a edição às 12h58.

Os câmeras de estúdio centraram a atenção nos comentários da jornalista e assim se dividiram entre enquadramento 3x4 e plano americano, pois Neila Medeiros costuma se movimentar no estúdio. Nesta edição, a jornalista se mostrou tanto preocupada com a situação das pacientes possivelmente abusadas sexualmente pelo obstetra, quanto com a segurança nas ruas do DF e com questões de cidadania, como a doação de sangue.

Foram 5 VTs, dos quais a jornalista comentou em 3; 5 *links*, dos quais a jornalista comentou em 1; além de 4 notas, das quais a jornalista comentou em 2.

## 6.5 Quarta edição cedida: novembro de 2012

A edição transmitida em 12 de novembro de 2012 começou às 12h23 e terminou às 12h54. O início não foi com escalada, mas com uma reportagem que tratava do estupro de uma senhora de 70 anos em chácara da região administrativa do Núcleo Bandeirante. A jornalista Neila Medeiros comentou: "Isso está ficando sério. Falta infra-estrutura, gente especializada na Lei Maria da Penha, defensores públicos. Se o agressor estava dentro da casa da vítima como a gente protege?".

Às 12h26 deu-se a escalada da edição, com os seguintes destaques para o dia: "Seis pessoas são presas acusadas de fraude em licitação pública", "Segurança barra carteirada e leva dois tiros em festa no Lago Sul", "Apreensão de maconha no Lago Paranoá", "Acusado de estuprar estudantes de Brasília no Rio de Janeiro é preso", "Estouro causa tumulto durante prova na Asa Sul" e "Garoto de seis anos precisa fazer cirurgia para não perder a visão".

Às 12h28 foi ao ar um *link* para falar sobre o vigilante que foi baleado "em festa de bacana", como dizia o GC (gerador de caracteres na tela). Ele tentou entrar de graça na festa por conta de sua profissão, atitude conhecida como carteirada. Sobre isso, Neila Medeiros comentou: "Cadê diálogo? Conversa? Não tem? Parece que tudo se resolve com bala". Às 12h29 o telejornal apresentou a primeira parte da reportagem sobre o deslocamento de piso na faculdade UNIP, que, por conta do barulho, assustou candidatos durante prova de concurso e fez o certame ser cancelado.

Às 12h31 falou-se em VT enviado do Rio de Janeiro sobre o homem preso lá por ter estuprado uma estudante de Brasília. Ela viajou para assistir a um show. O estuprador confesso se disse arrependido. A jornalista Neila Medeiros também comentou este caso: "Deus que me perdoe se isso for julgamento, mas esse texto me parece mais é ensaiado. É mais fácil mostrar arrependimento quando está entrando na cela do que na frente da vítima, quando está cheio de poder. O Estado tem que estar apto a receber homens como esse". Dois minutos depois deu-se uma nota seca sobre um foragido que "foi em cana" (de acordo com o que estava escrito no GC) durante a madrugada na região

administrativa de Ceilândia.

Às 12h34 foi exibido um VT sobre as chuvas terem retirado até asfalto de ruas da região administrativa de Vicente Pires. "Vocês acham mesmo que o povo quer saber de onde vem a água? A gente quer saber é da estrutura que é montada. A gente está pagando por asfalto cenográfico?", comentou a jornalista Neila Medeiros. Às 12h36 houve chamada para a reportagem sobre o garoto que precisava de cirurgia em um olho.

Às 12h37 o *SBT Brasília* mostrou a segunda parte da reportagem sobre a prova de concurso público cancelada por estouro em um dos locais de prova. Nesse VT falou-se sobre a apreensão de quem vinha de longe e que naquele momento não sabia como seria para voltar no novo dia, para quando a prova fosse remarcada. Não houve comentário em seguida. Às 12h39 deu-se uma nota coberta sobre o dono de uma loja de cosméticos que havia desabado na região administrativa do Guará ter que pagar para que uma perícia fosse realizada. Às 12h40 foi o momento para a previsão do tempo e para o primeiro intervalo.

Voltou-se a apresentar o telejornal às 12h42, com um *link* em que se falou sobre um traficante preso na região administrativa do Paranoá com quase 50 kg de maconha. Em seguida, outro *link*, acompanhado dessa vez por VT, tratou do combate à fraude em licitações. A jornalista Neila Medeiros comentou: "Se não ficar de olho passam por cima da gente". Às 12h47 o assunto foi a saúde do arquiteto Oscar Niemeyer, que na ocasião passava bem. Às 12h48 a edição foi para o segundo intervalo.

Retornou-se dos comerciais com um *merchandising* da Secretaria de Esportes (Governo do Distrito Federal), apresentado pelo garoto propaganda Jader Vieira. Às 12h50 foi exibido o drama de um menino de 6 anos de idade que precisava de uma cirurgia no olho para não ficar cego após um lápis acidentalmente ter atingido a retina. Neila Medeiros opinou: "Será que tudo que é público nesse país precisa ser complicado?". Com beijos aos telespectadores, o *SBT Brasília* terminou às 12h54.

No noticiário deste dia, a jornalista Neila Medeiros já começou indignada, por conta do caso da senhora que sofreu estupro. O enquadramento, mesmo assim, não foi apenas fechado, mas também em plano americano, para que ela pudesse movimentar mais os braços. Foram 6 VTs, dos quais a jornalista comentou em 4; 3 *links*, dos quais a jornalista comentou em 2; além de 2 notas, das quais a jornalista comentou em 1.

## 6.6. Trechos do *SBT Brasília* encontrados na *Internet*

No *Youtube*, *site* de vídeos na *Internet*, a pesquisa encontrou 3 vídeos com os comentários da jornalista Neila Medeiros no telejornal local. O primeiro vídeo a ser citado foi postado em 29 de agosto de 2011 e é parte do *SBT Brasília* em que a jornalista demonstrou indignação com as condições do transporte público no Distrito Federal<sup>12</sup>. Na cabeça da reportagem, que é a parte em que a âncora apresenta o tema do vídeo que virá a seguir, e que durou 25 segundos, ela disse que a frota que circula pelas regiões administrativas era “velha” e “ultrapassada”. “Para você ter uma ideia, dos 3 mil ônibus que circulam pelo DF, quatrocentos e setenta e nove tem mais de 15 anos, o que é proibido”, disse e depois repetiu o número para enfatizar. Nessa ocasião, a equipe do telejornal resolveu comparar o que ocorria na época com o que havia sido prometido dois anos antes, em 2009. O VT teve 2 minutos e 30 segundos, já o anterior teve trechos intercalados com os comentários de Neila. No total, a parte dedicada ao tema na edição do noticiário foi de 5 minutos e 58 segundos.

---

<sup>12</sup>O trecho em que a jornalista Neila Medeiros comenta a situação do transporte público pode ser visto em: <https://www.youtube.com/watch?v=5ynrW7homXE> (disponível em: 15 de maio de 2014)



Figura 6. A jornalista mostrava que a situação dos ônibus parecia não ter mudado em 2 anos <https://www.youtube.com/watch?v=5ynrW7homXE> (disponível em: 28 de janeiro de 2014)

“Tinha até uma faixa ali: 'Adeus ônibus velhos'. Adeus nada, eles estão rodando até hoje, 2011. Onde foram parar esses R\$ 69 milhões?”, comentou. Ela disse que as autoridades não respeitavam os prazos: “Mais de dois anos se passaram e olha como está a garagem que mostramos, cheia de ônibus novinhos em folha”. Neila afirmou que a equipe foi tentar ouvir o lado do Transporte Urbano do Distrito Federal (DFTrans), que respondeu: “É preciso saber detalhes dos ônibus, como número de série, por exemplo, para verificar qual é a situação”. Ela replicou: “Não é a nossa equipe que vai entrar na garagem particular e anotar um por um para saber a situação deles. Nosso recado está dado”. Nesse momento ela até comentou sobre a imparcialidade como jornalista na frente de um programa: “Eu tento ser imparcial, mas fico tão estressada com essas coisas porque eu não acho justo que a população pague pelo transporte e saia na rua naquela situação. Você quer sua mãe andando num ônibus daquele?”.

O segundo vídeo postado no *Youtube*, em 1º de setembro de 2011, Neila criticou a educação, em um comentário de 1 minuto e 28 segundos<sup>13</sup>, não apenas do Distrito

---

<sup>13</sup>O trecho em que a jornalista Neila Medeiros critica a educação no país pode ser visto em: <https://www.youtube.com/watch?v=nbWZDhxjt88> (disponível em: 15 de maio de 2014)

Federal, mas do país, pois seria um tema sem “prioridade” para os políticos. “Não tem dinheiro para pagar professor, para contratar, não tem dinheiro para arrumar as escolas. Falta é prioridade, administração e raça, disciplina para educar o nosso país”, disse ela. Para Neila, o Brasil não consegue educar bem as crianças pois os adultos são “deseducados e egoístas”, além de que “foi-se o tempo em que aluno de escola pública virava ministro, presidente, artista”. “Agora, o que vamos dizer para essas crianças de Taguatinga, de Samambaia, de Ceilândia, do Recanto, de Planaltina e de outras partes do país? Que elas vão repetir de ano por falta de aulas?”, indagou.

Ao fim do comentário Neila Medeiros mostrou que não há como querer segurança, como não precisar comprar cerca elétrica, se antes não tiver oferecido educação, condições básicas de sobrevivência.



Figura 7. Neila trata da educação como um tema de problema nacional, não apenas do DF  
<https://www.youtube.com/watch?v=nbWZDhxjt88>  
(disponível em 15 de maio de 2014)

O terceiro trecho do *Youtube*, postado em 12 de novembro de 2012, mostra parte da edição do telejornal em que Neila Medeiros ficou assustada com um rapaz que foi

preso<sup>14</sup> e, para os microfones, disse que rapidamente estaria de volta às ruas para fazer o que “Satanás quisesse”. Ela comentou o caso por 1 minuto e 18 segundos, com trechos como: “Olhem aí agentes de segurança, Secretaria de Segurança, Governo do Distrito Federal, olhem com quem estamos lidando”. “É gente assim que entra na casa das pessoas sorrateiramente, que sequestra pessoas na rua num piscar de olhos e que é flagrada por câmeras de segurança”, destacou na época. O Distrito Federal passava por período de greve da Polícia Civil e Neila Medeiros questionava se havia como ter sensação de segurança sem esses profissionais: “Podemos ficar tranquilos com as nossas famílias? Estamos em segurança? Fica a pergunta”.



Figura 8. *Take* da reportagem sobre o homem preso que fez Neila Medeiros chamar a atenção do Governo do Distrito Federal  
<https://www.youtube.com/watch?v=sHBD3AatCCo>  
(disponível em 15 de maio de 2014)

---

<sup>14</sup>O trecho em que a jornalista Neila Medeiros chama a atenção para ameaças do preso pode ser visto em: <https://www.youtube.com/watch?v=sHBD3AatCCo> (disponível em 15 de maio de 2014)

## 7. Análise

Este estudo analisou a performance da jornalista Neila Medeiros à frente de algumas edições do telejornal local *SBT Brasília* a partir de quatro critérios: 1) o âncora é alguém com responsabilidade editorial, 2) o âncora é alguém com uma performance própria, 3) o âncora tem experiência na reportagem e 4) o âncora é “a cara” da emissora de televisão em que trabalha. Essa categorização foi possível a partir da observação daquilo que os autores citados na fundamentação teórico-metodológica avaliam como características necessárias a um ou uma âncora de telejornal.

### 7.1. A responsabilidade editorial

Mota (2009) explica que no passado o telejornalismo precisava da boa voz, empostada para ler as notícias, mas que hoje âncora é quem conduz o jornal e se responsabiliza “diretamente pelos enunciados apresentados” (MOTA: 2009, p. 5). Primeiro cabe a reflexão sobre a responsabilidade editorial que Neila Medeiros pudesse vir a ter pelo que fazia no *SBT Brasília*. Como ela mesma disse<sup>15</sup>: “Ao vivo a responsabilidade é minha. Está ali o trabalho de todos. Pauteiros, motorista, auxiliar, editores, repórteres, *link*, corte, arte, programação... Se um erra vem pra mim, se eu erro vem pra mim. Tem que segurar a onda”.

Se o jornalismo como um todo é um trabalho em equipe, o telejornalismo potencializa essa realidade. Para uma edição do noticiário entrar no ar é necessário que todos os envolvidos estejam cientes e ativos em sua participação, logo sejam responsáveis pelo produto final: é produção checando informação enquanto repórter está na rua, ao mesmo tempo a âncora (no caso desta pesquisa) edita um dos VTs que estará entrando no ar em poucas horas ou até minutos. A produtora liga para uma das equipes que estão espalhadas pela cidade ou vice-e-versa e as informações são sempre atualizadas. Neila Medeiros acompanhava todo esse processo enquanto esteve no telejornal. Nos intervalos de uma apuração e outra do que estava sendo produzido, ela escrevia os comentários do dia. Essa rotina mostra que tudo era construído para que ela

---

<sup>15</sup> Essa entrevista concedida pela jornalista Neila Medeiros para este estudo está no Anexo 2.

tivesse condições de se responsabilizar pelo que ia ao ar. Somente tendo acompanhado o processo essa segurança em frente às câmeras se tornava possível.

Squirra (1993) considera que para um jornalista ser considerado âncora de um telejornal é necessário que seja o editor-chefe. Ele demonstra não acreditar que alguém seja âncora sem ter o poder de excluir ou de colocar algo na edição do noticiário de última hora, sem dar encaminhamento para uma pauta da forma que preferir, sem ser de fato o centralizador de todo o processo. Acompanhar para ele não seria o bastante, é preciso ter o poder de decisão, é no estúdio ser o cérebro e o coração da cobertura (SQUIRRA: 1993, p. 65). No *SBT Brasília*, Neila Medeiros contava na equipe com o editor-chefe Juan Preuss, que em rápida conversa para este estudo, portanto não oficial, admitiu “não estar muito por dentro da diferença entre apresentador e âncora”.

Diante dos conceitos apresentados, pode-se apontar que, no que diz respeito à responsabilidade editorial, a jornalista Neila Medeiros é âncora se observado o que diz Mota, já que a profissional se responsabilizava pelo que era dito, e não é âncora para Squirra, pois não era editora-chefe.

## **7.2. A performance do âncora**

O segundo critério observado para identificar um âncora no telejornalismo é a performance diante das câmeras. Mota (2009) procura explicar que o âncora, ao mesmo tempo em que é fonte de uma informação estruturada pela equipe, é uma pessoa, é a vitrine de si mesmo ali:

Ele apresenta características gestuais, de entonação, de ênfase em torno de palavras chaves do seu texto que estabelece uma relação direta com o telespectador, que pode ser de empatia, de credibilidade ou até de descrença com o conteúdo da sua fala. A presença ao vivo, neste sentido, é sempre performática, ao contrário de uma voz em *off*, que tende a ser mais neutra, menos incisiva, menos marcante (MOTA: 2009, p. 5).

Neila Medeiros viveu desde o início de seu trabalho no *SBT Brasília*, em 2009, algumas modificações em seu perfil de apresentadora. O jornal começou mais rígido, mais contido, sem muito espaço para que a jornalista pudesse emitir opiniões. Com o passar do tempo e a percepção da equipe de que havia abertura e boa receptividade do público para aquilo que a apresentadora opinava sobre os assuntos, o telejornal sofreu ajustes frequentes.

A performance chegou ao ponto da jornalista Neila Medeiros apontar o dedo para as câmeras, em riste, e chamar a atenção dos políticos, poder se aproximar do cinegrafista de estúdio, então também do telespectador, e fazer “cara feia”, como na edição de 9 de janeiro de 2012, na ocasião do comentário sobre o garoto que morreu afogado por causa de obra. Chegou a ser rotina inclusive ela se indignar tanto com algo que havia em uma reportagem que, após o comentário, respirava profundamente e mudava de câmera para seguir em frente com a edição do telejornal.

A jornalista Neila Medeiros, durante o período em que esteve na apresentação do telejornal local *SBT Brasília*, fazia com que gestos e expressões estivessem todos os dias no noticiário. Fora da rigidez dos primeiros tempos de comando da atração, nas quatro edições observadas neste estudo, tais características colaboravam bastante para a forma que ela resolveu adotar para conduzir o programa. O diálogo com o telespectador é facilmente percebido. É de certa forma uma representante do povo. Na edição de 12 de novembro de 2012, após reportagem sobre os buracos no asfalto causados pelas chuvas em Vicente Pires, ela não disse simplesmente que o povo, que o telespectador, não quer saber de onde vem a água, mas quer sim soluções. Ela também se incluiu, e se mostrou como parte do grupo que quer a questão resolvida.

Mesmo quando as notícias pareciam não abrir espaço para comentários, para algum nível de polêmica, ela de alguma forma conseguia problematizar, principalmente a partir de conexões com outras dificuldades da comunidade, com casos antigos, com a frequência que as questões ocorriam, como no dia 9 de janeiro de 2012, em que ligou diferentes problemas com buracos. Outro exemplo foi quando aproveitou reportagem sobre a descrença do brasileiro com a saúde pública para citar temas como projeto de lei e corrupção, em 13 de janeiro de 2012.

Em entrevista para este estudo<sup>16</sup> Neila Medeiros disse que um ser humano não deveria julgar o outro e que estar de frente às câmeras não lhe dava direito para fazer isto. Entretanto, ela foi objeto desta pesquisa por conta de comentários fortes, que podem ser confundidos e por vezes até rotulados como julgamentos. Ela mesma comentou para colaboração com este trabalho: “Prefiro mais informação e menos opinião. Mas às vezes a coisa ferve. Não ferve?”.

---

<sup>16</sup>As declarações citadas podem ser vistas nos anexos 2 e 6

Ainda diante dos conceitos apresentados por Célia Ladeira Mota, o caso da jornalista Neila Medeiros é de uma relação direta com quem está em casa, então de empatia e credibilidade. A jornalista estava ao vivo e mostrava as equipes de repórteres, defendidas fortemente por ela, esforçando-se ao máximo para que o telespectador tivesse voz no telejornal.

No que concerne a performance diante das câmeras, portanto, Neila Medeiros se encaixaria no perfil de âncora, com sua postura incisiva, marcante, não neutra.

### 7.3. A experiência na reportagem

O terceiro critério que pode apontar a ancoragem no telejornalismo, comentado por Maria Cristina Poli em um trabalho em vídeo consultado para este estudo<sup>17</sup>, é a experiência na reportagem. Para ela, que também é jornalista, “quem está à frente do telejornal representa uma história de credibilidade. Se você põe ali uma pessoa que é anônima ela tem que fazer história”, disse ela, que completou: “Por isso que, normalmente, o âncora é uma pessoa mais madura, que já exerceu diversos papéis no mundo jornalístico”.

Neila Medeiros começou no território da Comunicação como *freelancer* na produção de vídeos em uma emissora no Rio Grande do Norte. Fazia faculdade de publicidade. Apresentou um programa no SBT de lá sem ter se formado em jornalismo. Depois trabalhou em campanha política e fez assessoria de imprensa. Em 2009, voltou para Brasília e tornou-se jornalista. Passou a apresentar o *SBT Brasília* no mesmo ano, sem ter sido repórter. Os caminhos pelos quais passou até chegar à apresentadora do noticiário local não foram dos mais comuns. Seria natural ter sido produtora por um tempo, depois repórter por mais um tempo e então, por sintonia com o cargo, chegar ao posto. Mas Neila Medeiros não precisou dessa jornada.

Experiência de reportagem nas ruas ela realmente não possui, mas comentou sobre como busca conhecimento para argumentar em frente às câmeras:

Eu leio sempre as revistas semanais mais importantes do país. Veja, Isto é, Época... Mas assisto a tudo que dá. Jornais, programas de TV, falo com as pessoas a minha volta, pergunto tudo pra todo mundo. Vivo a vida e estou sempre

---

<sup>17</sup>SOARES, Luma: “O Perfil do Âncora no Telejornalismo Brasileiro”. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=TDhbEhOCZU4> (acesso: 6 de março de 2014)

ligada e isso tudo é conhecimento. Nossa bagagem de vida (MEDEIROS: 2013, Anexo 5).

Squirra (1993), baseado no jornalismo norte-americano, diz que os âncoras são profundamente confiáveis para o público e “extremamente ativos em todos os assuntos” (SQUIRRA: 1993, p. 6). A confiança é a credibilidade que se conquista com informações corretas, com comentários que mesmo indignados respeitam a população, a cidadania e o país.

No tocante à experiência na reportagem, Neila Medeiros não seria vista como alguém com bagagem suficiente para ser enquadrada no termo “âncora”. Simplesmente por ter vivido mais situações e passado por mais funções em comunicação de forma geral, não propriamente dentro de fatos, de coberturas jornalísticas.

#### **7.4. Ser “a cara” da emissora**

Para Mota (2009), o âncora se torna a imagem e a voz de uma emissora (MOTA: 2009, p. 2). E seria a jornalista Neila Medeiros “a cara do SBT”? A jornalista ficou rapidamente conhecida no Distrito Federal, principalmente depois dos vídeos com comentários serem publicados e compartilhados na *Internet*. Bastava mostrar indignação que os trechos passavam de mil visualizações no *Youtube*, sendo que o trecho em que ela defende a imprensa contra declarações do secretário de obras de Luziânia contava com mais de 1,3 milhões de visualizações até o fim de maio de 2014. Era muitas vezes a voz dos “excluídos”. Até mesmo com a performance na apresentação dava tons de entretenimento ao seu trabalho e aí casava exatamente com o DNA da emissora. É bem verdade que o Sistema Brasileiro de Televisão não possui uma boa comunicação entre a sede e suas afiliadas, são grupos que não se conhecem em geral. Porém, dentro da realidade do Distrito Federal, Neila Medeiros não parecia se encaixar com as concorrentes.

É cada vez mais comum encontrarmos telejornais onde os âncoras aparecem como heróis do telespectador. São eles que cobram providências das autoridades, tratam do trabalho da polícia e praticam o assistencialismo. O jornalista que tem o comando do noticiário passa a ser a “cara” do programa e, ao menos na expectativa do público, um amigo do telespectador. O telejornalismo local, com a proximidade que possui com o

telespectador, com os assuntos regionais, parece não permitir que os heróis fiquem presos na formalidade da bancada do estúdio. É preciso movimento.

Diante dos conceitos apresentados, pode-se apontar que, no que diz respeito a ser “a cara da emissora”, Neila Medeiros seria sim considerada âncora do SBT em Brasília. Afinal, possuía até mesmo grupos de fãs no DF, tanto na *Internet* quanto presencialmente, visitando a emissora. A equipe do jornalismo local atendia sempre telefonemas com recados para a jornalista e ela conseguia levar o público da televisão para a *Internet*, onde continuavam acessando o conteúdo do canal de Silvio Santos.

## 8. Conclusão

A partir da análise das quatro edições do telejornal local *SBT Brasília* cedidas na íntegra pela emissora, e dos demais trechos encontrados na *Internet*, chega-se a algumas conclusões. A primeira diz respeito ao fato de que mesmo com a atividade jornalística centrada no eixo Rio de Janeiro-São Paulo, os telejornais locais produzidos pelo país podem se destacar em suas regiões, seja por meio do formato da atração, do histórico, ou do seu apresentador. No *SBT Brasília*, a jornalista Neila Medeiros buscou se aproximar do morador do Distrito Federal, dividindo com esse telespectador os problemas e preocupações da comunidade.

O *SBT Brasília* sofreu mudanças para compreender e corresponder às necessidades do público, entretanto sem perder a seriedade no trabalho jornalístico, na apuração, dada a percepção de quão importante é a confiança, a credibilidade. Tal noticiário até os dias atuais só teve em sua condução apresentadoras mulheres, o que nos lembra a abertura democrática, no final dos anos 80, quando elas começaram a alcançar seus espaços na função. Pelo menos desde a observação dos trabalhos da jornalista Neila Medeiros foi possível notar a força da opinião e do colocar-se no lugar de quem está em casa. Porém, o fato de fazer comentários seria o suficiente para identificá-la como âncora?

A jornalista objeto deste estudo não era apenas uma locutora, como explicou Célia Ladeira Mota, mas era a fonte do dizer. Ou seja, não apenas soltava as informações, pensadas e escritas por outros. A jornalista Neila Medeiros era quem trabalhava a notícia, apurava, fazia conexões com assuntos semelhantes, observava o que o público poderia querer saber do caso. Sabia mais do caso do que a quantidade de palavras que lia. Aí está uma característica de um âncora. Outra característica era o gestual, as pontuações, o caminhar no estúdio, acompanhando muitas vezes a indignação com os fatos narrados.

Neila Medeiros é uma comunicadora, formada inicialmente em publicidade, e com o *SBT Brasília* teve a possibilidade de acompanhar os dramas dos personagens do Distrito Federal sem estar no rígido formato da bancada, chegando perto da câmera. A atração é voltada para essas situações e assim as possibilidades são inúmeras para pelo menos um VT ser o alvo dos comentários do dia, da necessidade de chamar a atenção das autoridades do dia. Ela disse para este trabalho que acredita não gostar de opinar, mas

que por vezes algo precisa ser dito, para que as coisas possam ser mudadas, vistas.

O primeiro vídeo da apresentadora utilizado aqui foi um trecho encontrado na *Internet*, em que ela defende a imprensa contra um secretário de obras. Ele aparece neste momento de conclusão para ficar registrada, mais uma vez, a atenção que se precisa dar ao que o público considera forte, e de conteúdo, para ganhar o mundo pelas redes sociais. As palavras duras e confiantes de Neila Medeiros na defesa de sua profissão, e ao mesmo tempo dos moradores da região que sofriam com os problemas, chamaram a atenção de quem estava em casa, para depois chamar a atenção até mesmo de um novo público no *Youtube*.

Depois aqui falou-se do garoto que morreu afogado por conta de uma inacabada do Governo Federal. A jornalista estava indignada, pois o problema já havia sido mostrado pela equipe em outra edição do noticiário e nenhuma atitude aparentemente foi tomada. O garoto faleceu, mesmo depois de uma equipe ter mostrado a situação com água na cintura. Neila Medeiros se mostrava na ocasião perplexa pela tragédia ter ocorrido por falha do próprio governo, que, segundo ela, deveria proteger a população.

Em uma edição mais branda de comentários, dias depois, ela destacou a opinião da população, que considerava, em maioria, a saúde no país como péssima ou ruim. Disse ali que os projetos que combateriam a corrupção no Brasil são muitos, mas não avançam.

Quando foi ao ar a edição do SBT Brasília em que o tema principal era acusação de abuso sexual contra um obstetra, a jornalista teve o cuidado de não sentenciar o homem. Mesmo com relatos sendo mostrados, Neila Medeiros pontuava que o caso ainda estava sendo investigado e que até mesmo por isso o nome do doutor não seria divulgado, mas que o caso não poderia deixar de ser mostrado, tamanha a gravidade. Ficou ainda o alerta, para que situações semelhantes sejam sempre denunciadas.

Na última edição que foi ao estudo cedida na íntegra, a jornalista destacou o caso de uma senhora que foi estuprada em uma chácara no DF por um funcionário. Foi mais uma oportunidade para ela tratar da necessidade de atenção e de segurança para a população.

É possível avaliar por meio dessas edições novamente citadas aqui que a jornalista Neila Medeiros apresenta características de ancoragem, como quer saber a questão central deste trabalho. Ela tem opinião, tem responsabilidade pelo que fala, tem gestos,

representou o SBT no DF enquanto esteve na capital, foi a cara da emissora.

Por outro lado, nota-se claramente pontos que foram mostrados aqui como importantes para a identificação de um âncora que não estão presentes, ou ao menos não completamente, na jornalista Neila Medeiros. Era não era editora-chefe do *SBT Brasília* e não possuía uma longa experiência na reportagem. Portanto, esse último ponto pode ser questão de tempo para ser resolvido. Mas a função de editora-chefe, que tem o controle das reportagens nas mãos, das decisões e até mesmo das demissões, não ficou em poder de Neila durante o tempo que passou na atração local.

Conclui-se com essa pesquisa que, dentro das possibilidades de um telejornal local, a jornalista Neila Medeiros apresentou no *SBT Brasília* características do início de uma carreira como âncora visíveis, que serão alinhados e fortificados quanto mais experiência ela vier a ter, o que já começa a ser possível construir e observar nos trabalhos que a profissional realiza em São Paulo desde julho de 2013. Como indagado no início deste estudo, agora parece claro perceber que é sim possível existir um apresentador que consiga dar as notícias de uma forma mais "movimentada", mais "próxima" do telespectador, sem deixar o telejornal "bagunçado".

## 9. Referências bibliográficas:

- BONNER, William. “*Jornal Nacional: Modo de Fazer*”, Editora Globo, 2009.
- BRITTOS, Valério Cruz. “*Multiplicidade e globalização da televisão brasileira*”, Aracaju, Eptic On Line, vol. 2, nº 1, 2000.
- FECHINE, Yvana. “*Performance dos apresentadores dos telejornais: a construção do ethos*”, Porto Alegre, Revista Famecos, EdiPucrs, nº 36, 2008, p. 1.
- GOMES, Alberto Albuquerque. “*Nuances: estudos sobre Educação*”. Presidente Prudente, SP, ano XIV, v. 15, n. 16, p. 215-221, jan./dez. 2008
- GOMES, Itania Maria Mota. “*Telejornalismo de qualidade: Pressupostos teórico-metodológicos para análise*”, 15º Encontro Anual da Compós, Unesp-Bauru, 2006, p. 10.
- LEAL, Bruno Souza. “*A experiência do telejornal: a âncora naturalista*”, Minas Gerais, Revista Famecos, EdiPucrs, nº 36, p. 10.
- LIRA, Maria Celeste. “*Circo Eletrônico: Silvio Santos e o SBT*”, Editora Loyola, 1995.
- MATHEUS, Letícia Cantarela. “*Marcos e problemas da história da televisão no Brasil*”, RBHM, v.1, n.2, julho 2012/dezembro 2012.
- MATTOS, Sérgio. “*Um perfil da TV Brasileira*”, Editora A Tarde, 1990.
- MELLO, Jaciara Novaes. “*Telejornalismo no Brasil*”, Paraná, Recensio, Texto da Biblioteca Online de Ciências da Comunicação, 2009, p. 3.
- MOTA, Célia Ladeira. “*O âncora: um mediador entre a notícia e a nação*”, São Paulo, VII Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, SBPJor – Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo, USP, 2009, p. 2.
- PERUZZO, Cicilia M. Krohling. “*Mídia regional e local: aspectos conceituais e tendências*”, São Bernardo do Campo, Comunicação & Sociedade, Póscom-Umesp, 2005, p.7.
- PINTO, Ivonete. “*A dramatização no telejornalismo*”, Porto Alegre, Revista Famecos, EdiPucrs, nº 7, 1997.
- RIBEIRO, Jefferson Bispo. “*A aplicação dos conceitos de telejornalismo regional no jornal SBT Brasília*”, Instituto de Educação Superior de Brasília (IESB), 2012.
- RIBEIRO, Lavina Madeira; RENAULT, Letícia. “*O Imaginário no Telejornalismo e no Webjornalismo*”. Brasília, Universidade de Brasília, 2010.
- SQUIRRA, Sebastião Carlos de Moraes. “*Boris Casoy: o âncora no telejornalismo brasileiro*”, São Paulo, Ed. Vozes, 1993.
- SQUIRRA, Sebastião Carlos de Moraes. “*O telejornalismo brasileiro num cenário de competitividade*”, Intercom, São Paulo, vol. XVIII, n. 1, jan/jun 1995.
- SQUIRRA, Sebastião Carlos de Moraes. “*O homo midiaticus no país da pauta pronta*”, Manaus, Revista InterMais, ano 1, nº 1, 2005, p. 33-46.
- VIZEU, Alfredo e PAZZAROLO, Jô. “*Telejornalismo: onde está o lead?*”, Porto Alegre, Revista Famecos, 1999.

## Fontes consultadas:

- BONNER, William. *“Jornal Nacional: Modo de Fazer”*, Editora Globo, 2009.
- BRITTOS, Valério Cruz. *“Multiplicidade e globalização da televisão brasileira”*, Aracaju, Eptic On Line, vol. 2, nº 1, 2000.
- CAMPOMAR, Marcos Cortez. *“Do uso de estudo de caso em pesquisas para dissertações e teses em administração”*, Revista de Administração, São Paulo, v. 26, n.3, p 95–97, julho/setembro de 1991.
- COTES, Cláudia Simone Godoy. *“Apresentadores de telejornal: análise descritiva dos recursos nãoverbais e vocais durante o relato da notícia”*, São Paulo, Puc/SP, 2000.
- DUARTE, Elizabeth Bastos. CURVELLO, Vanessa. *“Telejornais: quem dá o tom?”*, E-compós, Brasília, v. 11, n. 2, maio/agosto de 2008.
- FECHINE, Yvana. *“Performance dos apresentadores dos telejornais: a construção do éthos”*, Porto Alegre, Revista Famecos, EdiPucrs, nº 36, 2008.
- FLAUSINO, Cristina Valério. *“Choro gratuito: a violência no telejornalismo brasileiro”*, Minas Gerais, Intercom, 2003.
- GOMES, Alberto Albuquerque. *“Nuances: estudos sobre Educação”*. Presidente Prudente, SP, ano XIV, v. 15, n. 16, p. 215-221, jan./dez. 2008
- GOMES, Itania Maria Mota. *“Modo de endereçamento no Telejornalismo do Horário Nobre Brasileiro: o Jornal Nacional, da Rede Globo de Televisão”*, V Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom.
- GOMES, Itania Maria Mota. *“Quem o jornal do SBT pensa que somos? Modo de endereçamento no telejornalismo show”*, Porto Alegre, Revista Famecos, nº 25, 2004.
- GOMES, Itania Maria Mota. *“Telejornalismo de qualidade: Pressupostos teórico-metodológicos para análise”*, 15º Encontro Anual da Compós, Unesp-Bauru, 2006.
- LEAL, Bruno Souza. *“A experiência do telejornal: a âncora naturalista”*, Minas Gerais, Revista Famecos, EdiPucrs, nº 36.
- LIRA, Maria Celeste. *“Circo Eletrônico: Silvio Santos e o SBT”*, Editora Loyola, 1995.
- MATHEUS, Leticia Cantarela. *“Marcos e problemas da história da televisão no Brasil”*, RBHM, v.1, n.2, julho 2012/dezembro 2012.
- MATTOS, Sérgio. *“Um perfil da TV Brasileira”*, Editora A Tarde, 1990.
- MELLO, Jaciara Novaes. *“Telejornalismo no Brasil”*, Paraná, Recensio, Texto da Biblioteca Online de Ciências da Comunicação, 2009.
- MOTA, Célia Ladeira. *“O âncora: um mediador entre a notícia e a nação”*, São Paulo, VII Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, SBPJor – Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo, USP, 2009.
- PERUZZO, Cicilia M. Krohling. *“Mídia regional e local: aspectos conceituais e tendências”*, São Bernardo do Campo, Comunicação & Sociedade, Póscom-Umesp, 2005.
- PINTO, Ivonete. *“A dramatização no telejornalismo”*, Porto Alegre, Revista Famecos, EdiPucrs, nº 7, 1997.
- RAMOS, Roberto. *“Roland Barthes: semiologia, mídia e fait divers”*, Porto Alegre, Revista Famecos, EdiPucrs, nº 14, 2001.
- RAMOS, Roberto. *“Âncora, algumas práticas semiológicas”*, Porto Alegre, Revista Famecos, EdiPucrs, nº 32, 2007.
- RIBEIRO, Jefferson Bispo. *“A aplicação dos conceitos de telejornalismo regional no jornal SBT Brasília”*, Instituto de Educação Superior de Brasília (IESB), 2012.
- RIBEIRO, Lavina Madeira; RENAULT, Leticia. *“O Imaginário no Telejornalismo e no*

*Webjornalismo*". Brasília, Universidade de Brasília, 2010.

SAMPAIO, Adriano de Oliveira. *"Notícia e Cotidiano: a produção de sentido nos telejornais locais"*, Salvador, 2005, Universidade da Bahia.

SANTOS, Rafael Oliveira dos. *"Critérios de noticiabilidade e newsmaking no Globo Esporte Brasília"*. Brasília, Universidade de Brasília, 2013.

SQUIRRA, Sebastião Carlos de Moraes. *"Boris Casoy: o âncora no telejornalismo brasileiro"*, São Paulo, Ed. Vozes, 1993.

SQUIRRA, Sebastião Carlos de Moraes. *"O telejornalismo brasileiro num cenário de competitividade"*, Intercom, São Paulo, vol. XVIII, n. 1, jan/jun 1995.

SQUIRRA, Sebastião Carlos de Moraes. *"O homo midiaticus no país da pauta pronta"*, Manaus, Revista InterMais, ano 1, nº 1, 2005.

VIZEU, Alfredo. *"Decidindo o que é notícia. Os bastidores do telejornalismo"*, Pernambuco, Edipucrs, 2005.

VIZEU, Alfredo e PAZZAROLO, Jô. *"Telejornalismo: onde está o lead?"*, Porto Alegre, Revista Famecos, 1999.

YIN, Robert. *"Planejamentos e métodos"*, Porto Alegre: Bookman, 2005

## Fontes Eletrônicas

<https://www.youtube.com/watch?v=gkn2-0NdhZU>

<http://audienciadetelevisao.blogspot.com.br/2008/11/sbt-brasilia-vai-estreiar-dia-1711.html>

[http://www.sergiomattos.com.br/liv\\_perfil03.html](http://www.sergiomattos.com.br/liv_perfil03.html)

[http://www.rankbrasil.com.br/Recordes/Materias/0lc-/Primeiro\\_Telejornal\\_Do\\_Brasil](http://www.rankbrasil.com.br/Recordes/Materias/0lc-/Primeiro_Telejornal_Do_Brasil)

[https://www.youtube.com/watch?v=GOdFN5\\_ujj0](https://www.youtube.com/watch?v=GOdFN5_ujj0)

<https://www.youtube.com/watch?v=5ynrW7homXE>

<https://www.youtube.com/watch?v=sHBD3AatCCo>

<https://www.youtube.com/watch?v=nbWZDhxjt88>

SOARES, LUMA. O perfil do âncora no telejornal brasileiro. 2013. Disponível em

<http://www.youtube.com/watch?v=TDhbEhOCZU4>. Acesso em: 24/01/2014.

## 10. Anexos

- Anexo 1: Entrevista presencial realizada com a chefe de reportagem do *SBT Brasília*, Bianca Fragoso, em 23 de agosto de 2013:

1) Quando a Neila estreou e quando ela deixou o *SBT Brasília*?

Resposta: Depois de cobrir as férias do César Filho por um tempo em São Paulo ela voltou ao *SBT Brasília* em 16 de agosto para se despedir, em programa apresentado por Igor Marx.

2) Ela acompanhava todo o processo? Estava na reunião de pauta? Sugeria? Editava?

Resposta: A Neila acompanhava o processo desde o início do jornal: a saída dos repórteres; a edição das reportagens e os desdobramentos que a produção apurava com as fontes. Quando tínhamos reunião de pauta, ela ajudava com ideias e sugestões de assuntos. Costumava reeditar os Vts de São Paulo, as próprias matérias que fazia (ela costumava fechar muitos Vts drama e culturais) e, às vezes, matérias do dia-a-dia com repórteres do local. Geralmente, conversava com o Juan sobre a condução das matérias, mas não tinha a postura de "derrubar" os Vts. Tinha toda a liberdade para fazer comentários.

3) Quais são as etapas da construção de uma edição do *SBT Brasília*?

Resposta: Vts produzidos: As produtoras conversam durante a manhã sobre as pautas que serão marcadas para o dia seguinte. Já é hábito. Não é preciso fazer uma reunião de pauta, pois sentamos muito perto e cada uma sugere um assunto. Depois de bater o martelo, é hora de colocar a mão na massa. Quando precisamos pensar em séries de reportagens ou organizar as pautas para os esquemas de plantão (Carnaval, Semana Santa, Natal e Ano Novo), a equipe faz uma reunião depois do jornal e dividimos o trabalho com antecedência. Também conversamos bastante pelo WhatsApp (temos um grupo no celular só para isso) e por e-mail.

Vts factuais: Todas as manhãs chegamos uns minutinhos antes dos repórteres, que entram às 7h, para fazer as rondas.

4) Como podemos descrever o *SBT Brasília*?

Resposta: O *SBT Brasília* busca se aproximar dos telespectadores e ouvir os problemas da comunidade. Também trabalhamos com matérias policiais, denúncias investigativas, além dos Vts de drama com os "personagens de nossa cidade". Recebemos muitas ligações, sugestões de pauta e buscamos mostrar os problemas enfrentados pelos telespectadores. Geralmente, o primeiro bloco é enorme e fica com as notícias mais quentes. Os outros dois são mais tranquilos. Mas é isso, o formato está em mutação. O jornal tem dois intervalos e a gente sempre se preocupa em saber o tamanho de cada break.

- Anexo 2: Entrevista por e-mail com a jornalista Neila Medeiros, respondida em 23 de agosto de 2013, na íntegra:

1) Qual seu nome todo, local de nascimento e dia?

Resposta: Neila Cristina de Medeiros Sousa. Nasci em Brasília em 24 de setembro.

2) Como se tornou jornalista?

Resposta: Entrei para a TV "por acaso". Comecei como free lancer fazendo vídeos institucionais na TV Tropical (Recod em Natal- RN). Produzia, editava e apresentava. Não sabia de nada. Ia me virando entre os professores da faculdade de publicidade. Pedia auxílio e metia a cara. Veio então o convite para um teste no SBT. Estavam procurando uma apresentadora para o jornal da noite. Mudei de emissora.

Na TV Ponta Negra, afiliada do SBT, aprendi o ofício ao longo de nove anos. Passei por todos os programas, fiz reportagem, editei e apresentei programas internos e outros independentes. Trabalhei como mestre de cerimônia em diversos eventos e fiz campanhas publicitárias e institucionais, além de narração para documentários.

Antes de voltar para Brasília em 2009, fiz uma campanha política em São Paulo. Em Brasília fui para assessoria de imprensa da 1ª Vice Presidência da Câmara dos Deputados, editei e apresentei o Programa Carreiras na TV Justiça. Voltei para o SBT nesse mesmo ano. Fiz o curso de jornalismo e participei das transformações do jornal na emissora. Voltei a trabalhar com a TV Justiça apresentando o programa CNJ em Ação. Comecei a cobrir férias de apresentadores nacionais em 2012 e em 2013 sou contratada pela emissora para fazer parte da Rede Nacional do SBT.

3) Quais foram suas experiências na comunicação?

Resposta: a anterior responde essa. Só não mencionei experiência no rádio. Foi no rádio Tropical em Natal, do mesmo grupo que tem a concessão da Record. Foi no mesmo período dos vídeos institucionais.

4) Como chegou ao *SBT Brasília*?

Resposta: Apesar de ter trabalhado em uma afiliada eram emissoras distintas e as portas não foram automaticamente abertas. Mas a experiência no ar me trouxe a oportunidade de assumir o posto. Eles estavam montando a emissora em Brasília e veio a calhar. Deu certo.

5) Como pode dizer que foi sua recente saída do *SBT Brasília*?

Resposta: Foi emocionante. Essa é a palavra. Muito carinho, muitas homenagens. Acho muito surpreendente essa resposta ao meu trabalho. Nunca imaginei viver isso por ir pra redação e fazer o que tem que ser feito a cada dia. Me dá mais vontade de ir em frente.

6) Você foi âncora ou apresentadora do *SBT Brasília*?

Resposta: Não sei de uma definição técnica. Chego com meu jornal ainda por fazer. Me junto aos meus colegas de trabalho e vamos montar a edição de cada dia. Editamos, falamos ao telefone, gravamos off, apuramos, fazemos festas de aniversário e

despedidas, rimos, choramos, tiramos fotos, tudo junto. Ao vivo a responsabilidade é minha. Está ali o trabalho de todos. Pauteiros, motorista, auxiliar, editores, repórteres, *link*, corte, arte, programação... Se um erra vem pra mim, se eu erro vem pra mim. Tem que segurar a onda. Emitir opinião e informar são duas coisas que muitas vezes andam juntas. Quem diria. No jornalismo. Mas hoje é assim. Prefiro mais informação e menos opinião. Mas as vezes a coisa ferve. Não ferve?

- Anexo 3: Em 28 de agosto a questioneei para que classes sociais o telejornal estava voltado. Ela respondeu: "Acho que da A a E".

- Anexo 4: Em 19 de setembro a jornalista respondeu por e-mail a um questionamento:

“Até que ponto ancorar um telejornal é deixar de ser imparcial, como a profissão de jornalista exige? É errado, eticamente, você ser um âncora no significado mais estrito da palavra, pela questão da opinião, ou é possível encontrar um limite saudável e não chegar a ser parcial na ancoragem?”

Resposta: O momento é outro. O jornalismo se transforma assim como a sociedade, os costumes e as exigências de mercado acompanham essas transformações. A sociedade não quer mais a imparcialidade hipócrita, aquela que impede uma reação natural do ser humano diante de uma barbárie. Eles querem perceber o apresentador que está com ele todos os dias com confiança e cumplicidade. Querem saber que ele não é inerte ao que anuncia. Não precisa nem ser uma super opinião, mas só mostrar que também sente já o transforma em um ser humano como todos. Deixou de ser aquele ser inacessível na televisão o qual seu público jamais teria chance de ver de perto. O público hoje quer ser íntimo do apresentador tanto quanto já é da notícia.

- Anexo 5: Entrevista por e-mail com a jornalista Neila Medeiros, respondida em 15 de outubro de 2013, na íntegra:

1) Em tempos de SBT Brasília, como você construía sua bagagem de jornalista? O que lia, o que assistia, quais eram suas referências?

Resposta: Eu leio sempre as revistas semanais mais importantes do país. Veja, Isto é, Época... Mas assisto a tudo que dá. Jornais, programas de TV, falo com as pessoas a minha volta, pergunto tudo pra todo mundo. Vivo a vida e estou sempre ligada e isso tudo é conhecimento. Nossa bagagem de vida.

2) Como funcionava a parte estética? Era uma preocupação sua ou mais da equipe? As roupas eram emprestadas e assim serviam de propaganda para as marcas, correto?

Resposta: A questão das roupas fica a cargo da produtora de moda. Ela já conhece o perfil do jornal, passava nas lojas semanalmente e pegava as roupas. Os créditos das lojas passavam ao final do jornal.

3) Quantos fãs clubes oficiais você tem e qual sua relação com eles?

Resposta: Quando sai de Brasília tinha dois mas agora não sei. Não que tenha muitos mais, mas não dá mais pra acompanhar as redes sociais como antes. Muitas mensagens e muita gente, graças a Deus. Tem uns nomes que aparecem de fã clube pelo caminho. Eu sempre mando material pra eles, adoro, divulgam os jornais e meu trabalho melhor que ninguém. São dedicados e atentos.

- Anexo 6: Entrevista por e-mail com a jornalista Neila Medeiros, respondida em 29 de janeiro de 2014, na íntegra:

1) Âncora precisa comentar? Por quê?

Resposta: O comentário nada mais é que uma extensão das atividades de um âncora, que não só apresenta mas participa da confecção do jornal. Não é uma obrigação, mas um complemento, digamos assim, do trabalho que ele exerce em todo o processo. No comentário ele pode trazer mais informações e complementar a notícia como também emitir uma opinião, como faz um colunista.

2) Existe um modelo de beleza para estar a frente de um telejornal como âncora?

Resposta: Acredito que não. A beleza não é pré requisito.

3) Qual era sua rotina de leitura na época da condução do SBT Brasília? Jornais, revistas?

Resposta: A rotina de leitura não mudou, é a mesma. Jornais diários, revistas semanais, sites de notícias, agências, jornais locais, jornais de bairro, bula de remédio... Tem dia que dá pra ler mais e tem dia que a leitura é rápida. Mas leio todos os dias.

4) Você como âncora do SBT Brasília tinha a possibilidade de algum dizia ser vetada a comentar alguma reportagem?

Resposta: Nunca fui impedida de comentar nenhum assunto. O SBT sempre me deu a liberdade e a confiança de exercer o meu trabalho da forma como acredito e aprendi com colegas profissionais.

5) Para ser âncora é preciso ser conhecido pelo telespectador?

Resposta: Hoje em dia a audiência determina muitas coisas. O público hoje é mais participativo, tanto para elogiar quanto para criticar. Ele tem o poder das redes sociais pra isso. Ele pode gostar do programa mas não do apresentador e vice e versa. Estar próximo a ele pode ser uma estratégia necessária nos dias de hoje.

6) Você como âncora escrevia os comentários ou eles vinham no momento do noticiário no ar?

Resposta: As duas coisas. Gosto de escrever para facilitar a contagem de tempo do jornal e para reunir as informações com mais clareza. Mas existem aqueles comentários que vem do improviso. Acontece das duas formas pra mim.

7) O âncora julga?

Resposta: Não deveria como o ser humano não deve. Estar à frente das câmeras e usar esse poder para julgar as pessoas não é bonito. Procuro não fazer julgamentos mas não posso dizer que nunca fiz. Esse é uma preocupação constante que tenho com o meu trabalho.

8) Hoje o âncora tem mais ou menos força que antigamente? Por quê?

Resposta: Acho que mais. O público que assiste aos jornais aumentou ao longo dos anos. Se antes a audiência era prioritariamente das classes A e B, hoje tem participação massiva da classe c e as que se seguem. E esse público mais recente é mais

participativo, como disse. Dá aos apresentadores o status de celebridade, de estrela de TV. Comenta nas redes sociais, cria fã clubes, opina sobre o figurino, o cabelo do apresentador. Se baseia muito pelos comentários feitos como forma de embasar uma opinião pessoal. Acho que hoje o alcance é maior e o público mais detalhista.

- Anexo 7: Entrevista por e-mail com o editor-chefe Juan Preuss, respondida em 3 de fevereiro de 2014, na íntegra:

1) São quantas etapas na produção de um telejornal e quais são elas, que se repetem diariamente?

Resposta:

“O dia

Primeiro passo - checagem

Logo cedo, as produtoras e a chefia de reportagem fazem um pente fino no que acontece (ou aconteceu durante a noite e a madrugada ) em todo o DF e entorno.

Nessa apuração a equipe faz uma ronda em todas as delegacias do DF e entorno, liga para PM, Corpo de Bombeiro, Samu. Um produtor fica na sala de escuta ( atento ao que passa nos telejornais das outras emissoras e monitorando a rádio escuta ). Na redação também acompanhamos o que passa na TV. Faz-se a apuração de denúncias, dá ou não continuidade a pautas marcadas anteriormente.

Durante a manhã vai se checando tudo que aparece e a produção também passa a atender demandas da edição (dúvidas sobre algum assunto, confirmar informações)

Já a chefia de reportagem, que no nosso caso coordena tanto a produção quanto as equipes de reportagem, também aproveita para checar o que foi feito e deixado do dia anterior.

Entre o primeiro e o segundo passo as equipes de reportagens são liberadas. Dependendo do dia a equipe pode ter o horário antecipado ( dependendo da necessidade da pauta ), muitas vezes o primeiro que chega mal entra e já sai pela urgência dos fatos. As vezes é preciso aguardar alguns minutos a mais enquanto se tomam decisões entre a chefia de reportagem e a edição.

Segundo passo - o dia

Enquanto a produção apura os assuntos, os editores adiantam o material deixado no dia anterior. Iniciam as edições de reportagens, de notas cobertas, de offs vivo e o que aparecer na frente.

O editor chefe começa a montar o espelho com um panorama de tudo que acontece. Faz a divisão das tarefas e decide-se o destino de cada repórter. Todo este processo precisa ser o mais cedo possível para evitar atropelamento. O pré espelho não pode demorar pra sair.

Bate-se o martelo sobre o *link* - chefia de reportagem e editores decidem onde colocar o caminhão do *link*.

Durante a manhã, as posições do pré-espelho vão se alterando. Retranças mudam de nome e surgem novas laudas. Tudo depende do dinamismo diário.

A produção permanece na linha de frente apurando e checando. A chefia de reportagem passa a controlar o horário das equipes de reportagens. Neste cálculo entra a necessidade do assunto, a posição (o local) onde estão as equipes, tempo de deslocamento entre um ponto e outro. Controla o motoqueiro que faz o trabalho de ir e vir buscando as mídias para edição.

A edição segue o ritmo. Sempre atento a chegada do material da rua.

Terceiro passo - o fechamento

Até o último minuto de telejornal, todos da equipe devem ficar atentos ao que acontece.

Faltando menos de uma hora para o fechamento do jornal. Todo mundo fica a mil. São as últimas edições, as últimas checagens, a cobrança sobre repórteres aumenta, as revisões de vts, os últimos ajustes.

Tudo isso para entrar no switcher com um espelho fechado. E fechado não significa parado. A ordem das reportagens podem mudar em segundos antes de entrar no ar. Vários detalhes fazem a necessidade de tal reportagem entrar ou não naquela ordem.

Lembremos que em muitos casos, a edição continua cobrindo o VT com o jornal já no ar. Vai entrando a medida que vai saindo do forno.

Isso sem contar com as notícias de última hora que aparecem eventualmente.

Aqui também é preciso ficar atento ao *link* (é preciso controlar o tempo para não estourar o seu limite). Tudo tem de ser bem calculado.

É preciso ficar atento com o diretor de TV em tudo o que acontece ao redor.

Alívio apenas quando a apresentadora se despede e o sinal da programação entra no ar.

De volta à redação, a equipe discute o dia e pensa no dia seguinte.

Vale lembrar que durante a manhã já vai se pensando no dia seguinte. A produção faz uma agenda e atende a demanda de reportagens para o dia seguinte.

A chefia de reportagem da manhã e da tarde trocam informações para atualização”.

## Apresentadora do SBT se revolta com resposta de entrevistado e defende imprensa ao vivo

Alessandra Ungria | 13/01/2012 15:47



A apresentadora Neila Medeiros, do "SBT Brasília", se revoltou com a resposta do Secretário de Obras da cidade de Luiziânia, em Goiás, sobre um buraco que se abriu no local após as chuvas, aparentemente interditando uma rua e fazendo com que um caminhão caísse dentro dele. "O que acontece é que a própria imprensa, ao invés de ajudar, não deixa a gente trabalhar. Estou desde ontem só no telefone e dando entrevista, isso atrapalha o serviço", disse o profissional em reportagem da emissora.

Indignada, Neila respondeu ao Secretário por cerca de quatro minutos do jornal: "Me desculpa, mas dizer que a imprensa atrapalha? Não fizeram por culpa da imprensa? Como assim? Está dando entrevista porque tem que dar entrevista, órgão público tem que dar satisfação para a população".

"Por que não fez na época da estiagem? Já ouviu falar em prevenção? Prevenção não tem nada a ver com imprensa", disse a jornalista, em outro momento, sobre a falta de ação do governo da cidade, o que causou o buraco. "Faz o seu serviço que nós fazemos o nosso", ressaltou ainda.

## SBT contrata a jornalista Neila Medeiros do 'SBT Brasília'



O SBT resolveu investir mais uma vez nos jornalistas que atuam em suas emissoras locais, depois da contratação da jornalista **Rachel Scheherazade** que era apresentadora de um jornal local na Paraíba, agora é a vez da jornalista **Neila Medeiros** que atuava no jornalismo da emissora em Brasília ser contratada para trabalhar na emissora em rede nacional.

Na capital, Neila estava à frente do jornal **SBT Brasília** e há algumas semanas foi convidada para apresentar o Jornal do SBT edição manhã, durante as férias do apresentador **César Filho**. Ela também ficou conhecida na internet, como sua companheira de emissora Rachel, a jornalista também fez um comentário sobre a situação em Brasília e o vídeo bombou no Youtube.

05/08/2013 às 11:41:36

# Neila Medeiros, do SBT Brasília, assina com o SBT de São Paulo

0 Comentário

Reportar erros

-A A+

Por João Gabriel Batista

Compartilhe »

Recomendar 4

Tweetar 6

+1 0



Neila Medeiros, âncora do "Jornal do SBT - Brasília", acerta mudança para São Paulo - Divulgação/SBT

Até então contratada do SBT de Brasília, onde apresentava o "Jornal do SBT Brasília", Neila Medeiros agora é funcionária da matriz de São Paulo.

A apresentadora já vinha executando algumas tarefas na capital paulista, como o comando do jornal "SBT Manhã" nestes últimos dias em substituição a Cesar Filho, que estava de férias.

A performance da âncora agradou à alta cúpula e seu contrato foi assinado na última quinta-feira (01).

No decorrer dos próximos dias, Neila Medeiros irá providenciar sua mudança de Brasília para São Paulo. Um novo nome deverá ser escolhido pela filial candanga para ocupar o seu posto.

## Em tempo:

Neila Medeiros é vista como uma das principais revelações do jornalismo local do SBT. A sua desenvoltura em frente às câmeras em um jornal voltado para prestação de serviço, comunidade e notícias policiais agradou aos telespectadores de Brasília.

Logo após sua chegada e com a intensificação dos investimentos na praça, o noticiário passou a alternar a vice-liderança com o "Globo Esporte" e "DF Alerta", desbancando assim o então consolidado "Balanço Geral", de Henrique Chaves e exibido na Record.

Com informações da coluna Canal 1.



Neila Medeiros deixa Brasília e chega a São Paulo

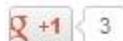
Bastaram poucos dias à frente do “**SBT Manhã**” durante as férias de César Filho para que a brasileira **Neila Medeiros** chamasse a atenção do **SBT** e fosse contratada pela emissora.

Neila comandava o “**SBT Brasília**”, telejornal local, mas sua fama ultrapassou as fronteiras do Distrito Federal e chamou a atenção da emissora-matriz, que, mesmo tendo um banco de âncoras em seu *casting*, a convidou para cobrir as férias de César. Agora, de acordo com o colunista Flávio Ricco, Medeiros é a mais nova contratada do SBT de São Paulo.

A jornalista já está se mudando para a capital paulista, embora a emissora ainda não possua nenhum projeto especificamente para ela. A princípio, Neila deve cobrir as folgas de seus colegas nos telejornais da Casa.



Arthur Vivaqua  
@ArthurVivaqua



## Neila Medeiros assina contrato e agora faz parte da equipe de jornalismo de rede do SBT



Neila Medeiros, que fez as férias do César Filho no jornal da manhã, assinou contrato com o SBT na última quinta-feira. Agora ela irá trocar definitivamente Brasília por São Paulo, mas ainda sem um projeto definido.

Fonte: Flávio Ricco (Canal 1)

Postado por José Eustáquio Jr. às 08:40

 Recomende isto no Google